

TRAGEDIA NOVA  
INTITULADA  
GLAUDOMIRA.

INTERLOCUTORES

*Chicotenga, Cacique Indio cego.*

*Chicotenga, seu filho.*

*Glaudomira, sua filha, amante de  
Maratim, Indio, Capitão de Chi-  
cotenga.*

*Alcina, India, destinada Esposa de*

*Chicotenga, e depois amante de*

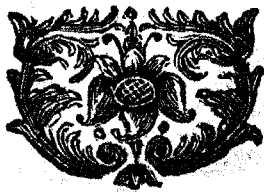
*D. João, Fidalgo Hespanhol.*

*D. Fernando, Capitão General do  
Mexico.*

*Grande sequito de Hespanhoes.*

*Grande sequito de Indios.*

A Scena se figura em Trascaleta Corte do Cacique  
sobredito.



LISBOA,

Na Officina de DOMINGOS GONSALVES.

---

---

Anno de MDCCLXXXVII.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*



# ACTO PRIMEIRO.

## SCENA PRIMEIRA.

*Cidade arruinada com edificios caidos : estard o Cacique encostado ds ruinas , e Maratim passeando , como que mostra afflicção.*

*Caciq.* **P** Atrios Numes , que vades lá do Impireo os succellos dos miseros humanos ,

a esse afflicto velho , a quem arrastra o pezo dos trabalhos , e dos annos : em trances tão fataes , e lastimosos , protegee , protegee , pois sois piedosos.

*Mar.* Glaudomira infeliz ! Qual teu estado será entre os cruéis Conquistadores da nossa triste Patria ! Este cuidado , para a vingança excita os meus furores ; mas temendo o perder te, *Esposa bella* , he tão violenta a dor desta desgraça , que o coração no peito despedaça esta cruel , e tenebre lembrança , convertendo em ternura as minhas iras , os impetos me abate da vingança.

*Cac.* Permetti , Justos Ceos , que antes que espirem

estes tristes alentos fatigados , possa deixar na amada paz , que busco , meus Vassallos , e filhos descangados : concedei-me este bem , Deoses Clementes , e embora me tirai de entre os viventes.

*Mar.* Glaudomira infeliz ! Tu prisioneira , e eu possuindo inda a liberdade ?

Esta he a fé sincera , e verdadeira , que guardar-te jurei ? Esta a lealdade de hum coração fiel ? Não , não he justo viver sem ti : aos Impios Europeos me vou já entregar ; no cativoiro te quero ser Esposo , e companheiro.

Chicotenga , perdido a hum desgraçado , que te deixa cercado de ruinas para seguir as duras Leis do fado.

*Cac.* Maratim , Maratim , ouve-me , espera. Desampara-me queres no perigo , em que nos poz a nossa desventura ? Faze os officios ultimos de amigo , acompanha-me até a sepultura.

Considera o estado , em que hoje chego a esta pobre , e misera Cidade : vê-me cansado , e já de todo cego , e não obres comigo huma impiedade.

*Mar.* Qual Vassallo fiel te seguiria té extinguir-me a forte rigorosa , se estivesse na nossa companhia a tua amada filha , e minha Esposa.

*Cac.* Quatro Luas , Senhor , ja tem passado , e dez vezes o Sol já tem nascido , ( com lagrimas os tenho bem contado , dias eternos para mim tem sido ! )

Que os vis Conquistadores me roubarão no lastimoso , e barbaro conflicto , em que a tantos mortais dilacerarão , como feras nutridas nas montanhas destes nossos desertos , tyrannias , a que elles chamão bellicas façanhas.

*Mar.* Nessa noite fatal , em que teu filho , querendo dar á Patria liberdade , os Indios sobrelevou sem teu conselho , e quebrando os tratados da amizade , que com os Christãos tinhas celebrado , fez mais triste , e funello o nosso fado ; vi perdidas de todo as esperanças de podermos vencer , vi influidos

os Hespanhoes na barbara vingança ,  
que a soberba lhe agita ; o Cômandante ,  
que na frente dos seus se vê triunfante ,  
em altas vozes grita : Estes Gentios  
todos rebeldes são , passem-se aos fios  
da vencedora espada , e não se exima  
desta pena fatal lexo , ou idade.

Os Soldados então com seu exemplo ,  
escogitando novas crueldades  
para nos darem morte, huns para o Tem-  
plo

dos nossos Deoses correm , e alli forão  
com os agudos ferros traspassadas  
as miseras Donzellas refugiadas :

Outros ás tristes Mãis , que na fugida  
os doces filhos levão junto ao peito ,  
com feros corações tirão a vida ;  
e sem soltarem os amantes laços ,  
que aos filhinhos prendião , cahem , e  
espirão

os tenros innocentes em seus braços.

Os maridos , que julgão que foccorrem  
as Esposas na fuga , atravessados  
das mortíferas lanças alli morrem  
com as tristes Confortes abraçados.

Os pobres velhos , que de tão funesta ,  
e lastimosa Scena fugir quereim ,  
por conservar a vida , que lhes resta ,  
guiados vão da sua infausta sorte ,  
movendo os passos tremulos da morte ,  
e encontrando a mesma tyrannia ,  
primeiro morrem , que amanheça o dia.

Já o brilhante Nume , que adoramos  
com seus raios mostrava aos nossos olhos  
o misero destroço da Cidade ,  
que servia de horror á humanidade ,  
quando eu com teu filho unido andava  
para novo combate os fugitivos ;  
olho a huma parte , vejo vir escrava  
a nossa Glaudomira entre Soldados ,  
que ao Capitão a levão apressados :

Deixó a empreza começada , e corro  
a dar-lhe a liberdade : Ella o foccorro  
receia mais funesto , e enternecida  
me grita : Esposo, Esposo, ao fado céde,  
e salva em tua vida a minha vida ;  
mas eu , sem attender ao que me pede ,  
a morte desafio , á turba entro  
dos crueis roubadores , que em defenfa

se põem da bella preza , que no centro  
ma querem esconder , e qual enchente ,  
que repentinaa corre furiosa ,  
levo adiante os tyrannos , e ainda chego  
a agarrar pelo braço a bella Esposa.

O inimigo sequito se augmenta ,  
e de espadas me sinto rodeado ,  
huns me ferem , a outros mato , e em  
fim obro

quanto pede hum valor desesperado.

A triste Esposa alli cahe desmaiada ,  
morta a julgo , e de novo me enfureço ,  
buíco vingar-lhe a morte , e fiel amante,  
meus ultimos alentos lhe offereço :

Já pelo muito sangue derramado  
a minha estrella infausta cede a ira ,  
caio , e por morto os barbaros me deixão ,  
levando prisioneira a Glaudomira.

*Cac.* E sabes de meu filho , onde a loucura  
de seu genio orgulhoso o levaria ?

*Mar.* Sei que vive , mas não tornei a velo  
desde aquelle tremendo , e escuro dia.

*Cac.* Ah ! Que elle certamente teve a culpa  
da desgraça da Patria , que lamento ,  
que inda que olhos me saltão para vela ,  
os sentidos me occupa o sentimento.  
Quem antes o governo não deixára  
nas mãos desse soberbo , e louco filho ,  
que pôde ser agora não chorára  
em tão misero estado

a perda de meu Povo desgraçado !

Oh quem nunca deixára esta Cidade  
para gozar em paz distante della  
este resto infeliz da minha idade !

Com a infausta noticia do conflicto ,  
pondera qual fiquei , vendo a fereza  
dos Hespanhoes ! Julgando-te por morto ,  
o filho fugitivo , a filha preza !

Protesteim não pizar mais meus Estados ,  
pois nelles todo o bem tinha perdido ;  
mas a fera faldade

da filha prisioneira , me pedia  
lhe viesse cuidar na liberdade.

Este , amigo fiel , he o motivo ,  
que me conduz á Patria novamente ,  
onde de tantas perdas , que a alma sente ,  
só obtenho o prazer de achar-te vivo.

*Mar.* Mas que veja ! Senhor, Indios armados  
descendo das montanhas , encaminhão

para esta parte os passos apressados  
*Cac.* Detem os, Maratim, mais não irritem  
 os Europeos por nossa desventura.

Por Alcina mandei tratar com elles  
 o resgate da filha, e paz segura;  
 ceda-te pois a tanta adversidade,  
 que com as mãos armadas mais parece  
 tomar vingança, que pedir piedade.

*Mar.* Chicotenga teu filho vem por Chefe  
 do guerreiro Esquadrão.

*Cac.* Venha o ingrato,  
 que de meu Povo foi duro flagelo:  
 a vista, que me falta diminue  
 aos tristes olhos o horror de velo

S C E N A II.

*Chicotenga no fim do Theatro fallando com  
 os Indios, que com elle sahem.*

*Chic.* **T** Rraçaletas valentes,  
 perto tendes os impios homicidas  
 de filhos, Pais, amigos, e parentes;  
 figurai-lhe ainda abertas as feridas,  
 e no sangue infiel desses malvados  
 vingai a Patria, ou morrei honrados.  
 Nossos meismas Deidades offendidas  
 vos podem este justo sacrificio.

*Mar.* Chicotenga, detem-te, que a vin-  
 gança

te conduz cegamente ao precipicio.

*Chic.* Tu vivo, Maratim! Porém me en-  
 gano,

não és tu o que a vista me figura.

*Mar.* Em mim que desconheces?

*Chic.* Hum Indiano,  
 a quem as femrações da desventura  
 já mais envilecião hum patricio  
 que inflamado em acções de heroica  
 fama,  
 fazião aos Numés Patrios sacrificio  
 de seu sangue, e seguindo os meus ex-  
 emplos

desaggravar buscava os Sacros Templos.

Queres que Maratim hoje te chame,  
 vendo-te entre ruinas socegado?

Ou m'ouve, e segue Cidadão honrado,  
 ou longe de mim soce como infame.

Recorda quem eu sou, e quem ser deves,  
 e inflamado em valor com mão armada,  
 vem libertar a Patria desgraçada.

*Mar.* Não me trates assim, qual fui sou inda:  
 Sacrificar á Patria a vida he pouco,  
 se hum prudente valor o requereffe;  
 mas a temerida e he acção de hum louco,  
 que nem de Cidadão nome merece.

*Chic.* Es hum vil: dos meus olhos te retira.

*Cac.* Cabaes conselhos das acções famosas  
 teu grande coração, filho, te inspira!  
 Mas de que serve as julgue glórias,  
 se fundar queres em desgraças tantas  
 as máquinas no ar, que no ar levantas?

*Chic.* Ah meu querido Pai, o meu destino  
 já he menos cruel, pois me concede  
 a gloria de vos ver.

*Cac.* Ao Ceo benigno  
 immensas graças dá, inda que cego,  
 vivo me tem em muitas desventuras,  
 talvez para emendar tuas loucuras.

*Chic.* Que loucuras, Senhor?

*Cac.* As que tens feito.

*Chic.* Talvez que o mundo tenha por il-  
 lustres,  
 as que loucuras são no teu conceito.

*Cac.* De barbaras terão entre os prudentes  
 o nome injurioso.

*Chic.* Tenhão embora,  
 que eu não quero louvor de fracas gentes.  
 Adeos, senhor, que a gloria me convida,  
 ou a triunfar, ou a perder a vida:  
 Não viva em paz o perfido inimigo.

*Mar.* Ah, Senhor, que te perdes. *Detendo-o.*

*Cac.* Louco, espera. *Buscando-o como cego,  
 e o segura pelo braço.*

*Chic.* Que inténtos são os teus? Já do  
 castigo  
 me exime o meu poder, e a minha idade.

*Cac.* Que idade, ou que poder? Oh quem  
 tivera

nestes braços vigor da mocidade,  
 que quebrára este ramo envenenado  
 de huma arvore infeliz degenerado;  
 ramo, de que esperei colheffe a Patria  
 fructo bem fazonado, e laboroso,  
 e lhe foi tão amargo, e vicioso,  
 como o horror examina  
 de meus Estados na geral ruina.

*Chic.*

**Chic.** Do que dizes, Senhor, me maravilho!  
Eu . . . .

**Car.** Que conta me dás, dize, tyranno,  
do meu Povo, que amava como filho?  
Eu em paz to deixei na minha ausência,  
porém o teu orgulho temerario  
o consagrou ás armas do contrario.

**Chic.** Em que paz me deixaste teus Esta-  
dos,

se os miseros Vassallos opprimidos,  
nem respirar podião socogados:  
em vil escravidão vivião tollos  
debaixo de huma paz, tão gloriosa  
a fama dos cruéis Conquistadores,  
quanto a nós offensiva, e vergonhosa;  
seus antigos, e illustres pondenores,  
té do poder do Mexico temidos,  
estão pelo temor escurecidos.

E chamas, Senhor, paz ao que a gran-  
deza

de corações valentes envilece?

Chama-lhe escravidão, como merece,  
produzida da panica fraqueza;

sim, de huma vez se exima tanto ag-  
ravo,

ou julgues seja acerto, ou desacerto.

Tu me entregaste hum Reino pobre, e  
escravo,

e eu o quero reger rico, e liberto:

E tu que em cativo vergonhoso *Para*

*Maratim.*

a triste Esposa tens, sem hir vingala,  
como deves ao credito de Esposo;

vai viver solitario entre os sombrios,

e solitarios bosques, por não feres

ludibrio injurioso dos Gentios:

vai, que a tua deshonra hoje te guia

e esconder esta infame cobardia.

**Mar.** Que dizes, Chicotenga? Inda em  
meu corpo

mal fechadas estão muitas feridas.

testemunhas illustres da minha honra,

em defença da Esposa recebidas.

Reflecte, que assaltando de repente

o inimigo, que estava descançado

com a paz, que esperava permanente,

nosso Exercito foi desbaratado,

e que buscar não tens menor effeito

quando o vez em campanha armado em

guerra esperando o combate peito a  
peito.

Por algum tempo apaga o ardente fogo  
da vingança, a que o teu valor aspira,  
busquemos libertar a Glaudonira  
com as armas beneficas do rogo,  
que ao vencedor em glorias influido,  
de humano coração sendo animado,  
mais abranda a humildade do vencido,  
que intimida a soberba do obstinado.

**Chic.** Penlamentos são esses de hum co-  
barde,

que á vileza do rogo se fugeita  
para escravo viver: Quem não respeita

a honra de guerreiro mais que a vida,

não, não merece a Esposa promettida;

Prisioneira a fizerão em hum combate,

e em outro ha de ser o seu resgate:

Eu quero melhorar o seu destino

dando-lhe Esposo, e defensor mais digno.

**Mar.** Que? Mais digno do que eu? Muito  
me offendes:

se de hum Cacique és filho, eu o sou de  
outro,

e injuriar-me sem razão pertendes?

Em valor não te cedo, e se he façanha

huma acção temeraria, que lhe esperas?

Eu te precedo já para a campanha.

Mais a tua soberba não me argua,

vem, que eu farei que custe ao inimigo

mais cara a minha morte, do que a tua.

**Car.** Ingrato filho, vai-te: Caro amigo  
não me deixes.

**Mar.** Senhor, este deslustre;  
o que nasceu honrado não consente.

**Car.** A honra, Maratim, sempre he il-  
lustre:

regidas suas acções por hum prudente

replandecem sem mancha; o temerario

se acerta o que a prudencia lhe repugna,

não he o acerto seu, sim da fortuna.

Esperemos Alcina, talvez que ella

traga a paz concedida.

**Chic.** Oh impia Estrella!

Dize, Senhor, onde mandaste Alcina?

**Car.** Fui evitar, cruel, maior ruina

a meus pobres Vassallos: tu bem sabes

que os Europeos benignos a attendem

pela sua virtude, e bons costumes.

*Chic.*

*Chic.* Sim, por meus damnos sei, que até pertendem, que siga a sua Lei; crueis ciumes o coração me abraza! Sei que intenta D. João, injuriando os meus affectos, que seja sua Etiposa essa perjura, que causa foi da minha desventura.

*Cac.* A furia dos teus zelos te allucina.

*Chic.* Deixa-me, Pai. ( Ah infiel Alcina! Se se verificar tua mudança cahirá em ti o raio da vingança. )

SCENA III.

*Sahe Alcina.*

*Alc.* **S**enhores, que fazeis? Venho admirada de ver nesta Cidade destruida para novo conflicto gente armada! Não implora piedade quem convida em acção de batalha para amigo ao que vem esperar como inimigo: Credes que os Europeos são homens loucos, que em vós se fiem, vendo-vos armados? Já de vossos enganos a experiencia prevenidos os tem, e escramentados. Por louco vos terá a vós o mundo, se do primeiro assalto caviloso não tirais hum exemplo lastimoso, para não reprehenderes o segundo. Benignas condições de paz vos trago, se gozallas quereis, deponde as armas, e se a guerra intentais, tremei do estrago.

*Cac.* Não he meu coração capaz de enganar.

As armas lançaí já todos por terra, quero benigna paz. *Os Soldados fazem acção de largarem as armas, e Chicotenga os detem.*

*Chic.* Oh lá, Indianos!

Eu sou quem vos governo, e quero a guerra.

*Cac.* Oh Deoses, como sendo justiceiros, permittis deste ingrato a iniquidade? Respeitai, respeitai em mim, guerreiros,

vosso Cacique, e Pai.

*Chic.* A autoridade de Cacique Real, tu me cedeste; eu a peffuo, eu augmentalla espero; em fim, não quero a paz, a guerra quero.

Soldados, meu exemplo vos inflamme a nobre acção, não seja obedecido quem da debil velhice amortecido quer ter seu Povo em cativoiro infame.

*Cac.* Ah perverso! Onde estás? Vem a meus braços, *Bulcando-o como cego.* vem traidor, vem quebrar a indigna furia, que talvez me dê força a minha injuria para fazer-te nelles em pedaços.

*Alc.* Supporta por hum pouco esta violencia, que o Ceo defenderá tua innocencia.

*Cac.* Vem cruel, segurar com minha morte a ambição de reinar, ser parrecida não, não te faça horror, nem ser prejuo.

*Chic.* Em nada me embarça a tua vida, pois na posse do Reino estou seguro. Não te chegues a mim.

*Mar.* Ceos! Eu me affusto de ver assim tratar hum filho ingrato a hum amavel Pai, prudente, e justo! As mais barbaras feras tem respeito a quem lhe deo o ser, he pois teu peito mais impio do que o seu? Com tal fereza vivo exemplo te fazes de tyrannos, ingrato ao Ceo, traidor á natureza, e escandalo de todos os humanos.

*Chic.* Oh lá, Indios, prendeí este atrevido.

*Os Indios se movem.*

*Cac.* Como infame, traidor, será punido, o que observar a Lei deste perverso, que depondo da Regia autoridade *Suspendem-se os Indios.*

*Chic.* Não obedecis inda? ( Oh fado adverso!

Os Soldados me negão obediencia, e seguem a meu Pai? Disfarçar quero hum pouco de meu genio a impaciencia. )

*é parte.*

*Cac.*

*Cac.* Maratim? Maratim?

*Mar.* Senhor, que queres?

*Cac.* Dize, filho; que fazem os Soldados, que seguem o rebelde? *á part. a Mar.*

*Mar.* Respeitando

a tua Lei ficarão socegados.

*Cac.* Mais meus filhos se mostram que este inlano,

a quem a vida dei: Foge tyranno

para longe de mim, mas te repito,

como Pai de teus erros magoado,

que aonde quer que fores, obstinado

levas por companheiro o teu delicto.

Dize-me, Alcina, o General concede

a supplica da paz?

*Alc.* Sim, aos meus rogos

quanto por ti lhe expuz benigno cede:

Em seu semblante alegre, e Magestoso

resplandecia a paz, e generoso

a quem o busca amigo, ama, e defende:

Diz que tirar Estados não pertende,

que dos Indios só quer paz, e amizade;

mas com quem o tratar com falsidade,

faltando-lhe de amigo ás Leis sinceras,

mais tyranno será que as bravas feras.

*Chic.* (Com que paixão expressa asousadias

do barbaro Europeo, esta alcivofia!

Eu lhe irei rebater as tyrannias.)

*Cac.* E a minha amada filha?

*Mar.* A minha Espoza?

*Cac.* Viste-a, dize?

*Mar.* Fallaste-lhe?

*Alc.* Em meus braços

muitas vezes a tive: a cada instante

do Pai o doce nome proferia;

e recordando a fé do Espozo amante,

banhou meu peito, onde seu rosto unia.

*Mar.* E que estimação tem dos vencedores?

*Alc.* O respeito maior, que he permittido

a humana creatura; nail louvores

lhe dá o General, que anda abstrahido

de ouvilla discorrer, a todos falla:

Esta obrigada ao respeitoso trato;

modesta, e grave os olhos levantando

lhe faz as expressões de hum peito

grato:

a mão lhe quer beijar, elle se humilha,

e outros nomes não faba hum do outro,

mais do que ella o de Pai, e ella o de filha.

*Mar.* Ah Espoza fiel!

*Cac.* Ah filha amada!

*Alc.* Desta sorte, que expresso he respeitada

a bella Glaudomira.

*Mar.* E não duvida

a dar-lhe D. Fernando a liberdade?

*Alc.* Não; mas só a seu Pai quer entregalla,

firmando-lhe os tratos da amizade

com soleimnes protellos, e benigno

outro preço não quer do seu resgate.

*Cac.* Oh como he generoso!

*Mar.* Quanto he digno!

*Chic.* Não te fies, Senhor, nessa traiçora,

que tanto aos teus contrarios engrandece;

porque nelles o seu Idolo adora.

*Alc.* Não me trates assim.

*Cac.* Mais não se attenda

desse soberbo a audacia: a buscar vamos

a minha filha, a minha doce prenda:

o meu filho tu és, vem, vem comigo

a jurar paz ao vencedor amigo.

*Mar.* E se hum penhor quizer da lealdade

temento nova falta em seu agravo,

conceda a Glaudomira a liberdade,

que eu ficarei por ella seu escravo. *Vai-se.*

*com o Cacique.*

*Chic.* Alcina?

*Alc.* Que me queres?

*Chic.* Perguntar te

se visses a D. João, aquelle objecto

que empregado nas glorias de adorar-te,

obteve da tua alma o puro affecto.

Falla, não te envergonhes, hum amante

te

tão illustre, fiel, e generoso,

faz disculpavel o erro de inconstante

a quem deixa por elle o seu Espozo.

*Alc.* Responde-me primeiro: He de amor digno

quem levado da paixão furiosa,

sem attender ás lagrimas da Espoza

a deixa, por seguir seu delatino?

Não tens que te quixar: no desamparo

em que me vi, no meio do conflicto

achei no vencedor aquelle amparo

que tu negaste a hum coração afflicto.

*Chic.*

*intitulada Gláudomira.*

**Chic.** E devias buscar (que aleivolia)

Auxílio em meu rival?

**Alc.** Temi a morte.

**Chic.** Seguiras os meus passos.

**Alc.** Não podia.

**Chic.** Morerás no conflicto: meus forte me seria essa dor, que a dor violenta do ciúme cruel, que a alma atormenta.

**Alc.** Oh que barbaro amante, que tão pouco

estima a cara vida

da que lhe esta Esposa promettida!

**Chic.** A injuria pôde mais.

**Alc.** Deixa-me, louco.

*Partindo.*

**Chic.** Onde vaz, infiel?

**Alc.** A teu Pai sigo.

**Chic.** Tão simples me presumes que consinta

ao arraial tornares do inimigo?

Mo-e-te, dize, perfida, a faldade

que tens de D. João? Não estivesse

com elle ha poucas horas?

**Alc.** A' lealdade

da promessa não tenho inda faltado.

No conflicto horroroso, e desgraçado em que tu me deixaste, impio, inconstante,

o busquei defensor, e não amante.

**Chic.** Sei o contrario.

**Alc.** És barbaro, e zeloso.

**Chic.** Vamos. *Levando-a pelo braço.*

**Alc.** Oh Ceos! Aonde?

**Chic.** Aonde a forte

nos conduzir.

**Alc.** Não vou.

**Chic.** Sou teu Esposo.

**Alc.** Porém ainda não és o meu Conforte.

**Chic.** Se falta essa razão, qual Soberano, tenho imperio na tua liberdade.

**Alc.** Teu Parte despoiou da authoridade.

**Chic.** Pois, traidora, ferei o teu tyranno.

**Alc.** Esse nome te he proprio.

**Chic.** Ah fementida,

tevere vingador da minha affronta.

Lhe sacrificarei a tua vida.

**Alc.** Deshumano, que esperas? O exercicio

de extinguir innocentes continua,

antes quero que se Esposa tua

o sangue derramar no sacrificio.

**Chic.** Oh lá Soldados, conduzi a ao Templo:

Já seus Ministros sabem que quebranta

a Lei que professou, e para exemplo

das simples Indianas induzidas

pelas maximas vis dos Castellhanos,

banhe seu sangue as Atas offendidas,

delagravem-se os Nomes Soberanos.

**Alc.** Por tão sante delicto morrer quero:

outra Lei tenho já impressa n'alma,

e em seu Divino Author, constante est

pero

ter de martyrio gloriosa palma.

Sabe, ó Esposo barbaro, que a morte

que intentas dar-me, he dita, e não

castigo,

e que nem te faria meu Conforte,

sem seguires primeiro a Lei que sigo.

**Chic.** De ouvir te me horroriso, e me confundo!

Levai-a da presença dos meus olhos:

tirai esta infiel da luz do mundo.

**Alc.** Sim, tirai-me da vista de hum malvado,

que na sua cegueira obliu'a

como monstro infernal, não só buscava

que eu fosse toda a vida sua escrava;

mas dando a morte a perfida corrente,

cativã me queria eternamente.

**Chic.** Perderás o valor.

**Alc.** Tenho constancia.

**Chic.** Tu te arrependeas, mas sem effeito.

**Alc.** Levo da Santa Lei armado o peito.

**Chic.** Que esperais? Levai já esta traidora.

**Alc.** Vou constante a morrer.

**Chic.** Pois morra embora. *Vão-se.*

# ACTO SEGUNDO.

## SCENA PRIMEIRA.

*Planice com abarracamento dos Hespanhoes com todos os peñachos de guerra: no meio da Scena o Pavilhão do General, e ao longe montes altos, por onde descêrã a comitiva do Cacique: Sabe D. Fernando, e D. João.*

D. Fern. **C**onhaço, D. João, que em teu conceito, Serão os meus excessos estranháveis.

Mas a belleza ornada de virtudes os faz em Glaudomira desculpáveis; eu mesmo me confundo, e me reprehendo

desta amante paixão terna, e excessiva; mas quanto mais me esforço a decipala, então arde em meu peito mais activa.

D. João. E não compensa a bella prisãoeira teus extremos de amor?

D. Fern. Ella os ignora.

D. João. Não lho expressaste ainda?

D. Fern. Não.

D. João. E a causa?

D. Fern. Não me atrevo a fazella sabedora de hum louco amor, que nem profundamente longa esperança tem, com que os humanos

as torres fórmão no inconstante vento. Da tua pura fé a experiencia me diminue o pejo de expressar-te huma triste paixão de amor escrava, que em segredo minha alma em si guardava.

D. João. Mas porque razão julgas impossível

te corresponda amante, e affectuosa?

D. Fern. Porque a fé esponsal entre os

gentios incontrastavel he: jurada Esposa ellã de Maratim por Lei Paterna, que observará qual filha humilde e terna.

D. João. Bem o pondero, em mim tens outro exemplo:

Eu a Alcina tambem salvei a vida, quando fugia do assolado Templo,

á furia dos Soldados vingativos;

eu a vi a meus pés então prostrada

agradecendo, em lagrimas banhada,

o benefico amparo. Já ferido

tinha o meu coração, e ponderando

que este foccorro, meritos de amante,

me desse para obtella, por segura

guarda, a mandei ao nosso acampamento,

onde teve distincto tratamento.

Na nossa Santa Lei foi instruida,

e detestando o cego paganismo,

contente fez sua alma esclarecida

na salutifera agoa do Baptismo.

Então lhe declarei, que o meu desejo

era ser seu Conforte afortunado.

Ella corada, de hum modesto pejo,

me respondeo: Senhor, esta fortuna

era minha, e não vossa; porém crede,

que justissima causa me repugna.

De tenra idade Esposa destinada

de Chicotenga fui com fé jurada,

e quer, Senhor, a minha adversidade;

porque eu não seja em tudo venturosa,

que em minha mão não tenha liberdade;

mas se da idolatria allucinado  
 não seguir, Chicotenga, a Lei que sigo,  
 o deixarei qual barbaro inimigo,  
 e vós fereis o meu Esposo amado.

*D. Fern.* Ah *D. João*, essa promessa pôde  
 fazer o teu desejo venturoso,  
 pois Chicotenga he barbaro, e se offenta  
 da sua Lei na obliervancia caprichoso,  
 Maratim he domavel, e constante,  
 a Espôsa seguirá, sem que ella tenha  
 razão para o deixar por cutro amante.

*D. João.* Mas ella em te agradar toda se  
 empenha,

e em teus louvores falla enternecida.  
*D. Fern.* He discreta, e aos muitos bene-  
 ficios

que me deve, se mostra agradecida;  
 com lagrimas banhando muitas vezes  
 as nacaradas faces me segura  
 o seu sincero amor, e porque a crêa,  
 me beija a mão, e ser-me grata jura.  
 Enganas-te se crês, que se encaminha  
 a posse do conforcio o seu extremo,  
 pois não pertende ser Espôsa minha.  
 Não nasce o seu amor daquella chamma,  
 que em desejo lascivo acende o peito;  
 mas iguala ao de filha, que ao Pai ama  
 movida da ternura, e do respeito.

Com tanta honestidade recompensá  
 meus amantes affectos, que não pôde  
 seu Esposo arguir-lhe leve offensa.  
 Hoje mesmo virá seu Pai buscála,  
 e te confesso, amigo, que não tenho  
 valor para dos olhos separalla;  
 mas da minha palavra o desempenho  
 me obriga ao sacrificio de huma au-  
 sencia,

que no peito me faz mortal violencia.

*D. João.* Que aventuras, Senhor, se lhe  
 exprellares

teus amantes affectos? A' belleza  
 sempre he grato este obsequio.

*D. Fern.* Muito temo  
 o dezar de saber minha fraqueza.

*D. João.* Não he dezar que offenda o teu  
 respeito;  
 communica-lhe o teu amor ardente,  
 que inda que o não accete, he muito  
 prudente.

guardará teus segredos em seu peito.  
 Declara-te, Senhor, mas Glaudemira  
 da tua tenda sabe.

*D. Fern.* Ah, como he bella!

*D. João.* por hum pouco te retira. *Vai-se.*  
*D. João.*

Tremo de ouvilla, affusto-me de vella;  
 sentindo sem remedio malogrados  
 os meus puos affectos degraçados.

## S C E N A III.

*Glaudemira* sahindo da Tenda com passos  
 vagarosos, e tristes.

*Glaud.* **D.** Fernando? De longe, e com  
 ternura.

*D. Fern.* Senhora? *Ambos suspensos.*

*Glaud.* (Em seu semblante  
 inda mostra a fatal melancolia  
 que hoje o tem opprimido.) *á parte.*

*D. Fern.* (O combate chegou que eu mais  
 temia!

abime-se meu peito enfraquecido  
 a supportar da morte o fero damno,  
 ouvindo proferir boca tão bella,  
 a sentença cruel de hum desengano.)

*Glaud.* (Não olha para mim, nem quer  
 fallar-me!

Talvez por não me ouvir se finge triste!

Ah pobre coração como innocente  
 das suas expressões te persuadisse!)

*D. Fern.* Senhora, que quereis? Minha  
 presença

tão estranha vos he, tão horrorosa,  
 que de me ver ficais muda, e suspensa.

*Glaud.* Essa mesma resposta que quereis  
 ouvir de mim, de vós ouvir quizera;  
 não ficaríeis mais suspenso, e mudo,  
 se assaltado vos visseis de huma fera.

A fera devo eu ser abominavel  
 que tanto horror vos causa, e vos affusta,  
 contra o vosso costume doce, e amavel:  
 vede qual tem de nós queixa mais justa,  
 qual objecto se mostra de odio fero,  
 se eu que vos venho procurar humilde,  
 ou se vós que fugis de mim severo?

*D. Fern.* Eu vos perdo-o o crime de que  
 réo

me quereis arguir, bem sabe o Céo,  
que não se te n' meus olhos e negado  
em objecto que tanto lhe agradasse,  
nem mais digno de ser do peito amigo:  
Que mudas em não a veles? De que  
nasce  
vossa queixa? Dizei.

*Glaud.* Em vosso rosto

onde bello prazer respaltesca,  
tristes signaes ob'ervo de desgosto,  
e fugindo da minha companhia  
me dais a entender triste, e pensativo,  
que dos vossos pezares sou motivo:  
Nem já de cara filha, quereis dar-me  
aquele doce nome costumeiro:

Quem conseguio com vosco malquis-  
tar-me?

Quem me roubou, Senhor, o vosso  
agrado?

Nem eu tambem por Pai já vos nomeio,  
porque desagradar-vos mais receio.

*D. Fern.* (Para lhe declarar meus pensa-  
mentos,  
não posso ter instante mais propicio:  
com suas expressões recobra alento  
meu triste coração.)

*Glaud.* Se hum sacrificio  
julgais que vos merece  
humna escrava fiel que vos adora,  
que de vos ver afficto se enternece,  
declarai-lhe, Senhor, a triste origem  
dos desgostos creais que vos affigem.

*D. Fern.* Só vós podeis, Senhora, suavi-  
zarnos;

mas sou tão infeliz, que até receio,  
que vos arrependais de perguntarmos:  
Ouvi-me socegada, e compassiva,  
não queirais, reprehendendo os meus af-  
fectos,

fazer a minha pena mais activa.

Em vossa formosura a causa tendes  
da afflictção que notais em meu sem-  
blante,

vós podeis dominar hoje o meu fado:  
Humna palavra vossa he só bastante

a fazer-me ditoso, ou desgraçado.  
Se evitar-me quereis este tormento,

com que a demora em susto me soffoca,  
fabei que hum fausto sim da vossa boca,

me converte em prazer o sentimento.  
Em fim, a vossa mão candida, e bella,  
póde fazer feliz a minha estrella.

*Glaud.* (Triste de mim! Que susto re-  
pentino

o sangue me congella, e me figura  
desgraçado, e funesto o meu destino!  
Agora verifico, que a ternura  
que em se i peito julguei ser innocente,  
era de impuro amor impulsso ardente.)

*D. Fern.* Oh não me demoreis, bella ho-  
micida,

por mais tempo a infeliz, ou fausta sorte:  
Se a resposta he propicia, dai-me a vida,  
ou apressai-me (se he funesta) a morte.

*Glaud.* (Inspirai-me resposta oh Céo pie-  
doso,

com que não ponha em risco a minha  
gloria,

nem faça o meu estado mais penoso.)

*D. Fern.* Fallai: Que vos suspende?

*Glaud.* D. Fernando,

a vossa pertença inesperada,  
tão estranha impressão fez nos sentidos,  
que me deixou de susto transportada;  
e por não offuscar o bom conceito  
que das vossas virtudes tenho feito,  
pos'iar entre duvidas quera;  
se ereis vós quem fallou, se vaga ima-  
gem

que me fingio em sonho a fantasia,  
outra interpetração dai como Sabio  
a quanto a meu pezar me tendes dito;  
não escureça em vosso amor inutil  
as illustres acções de Heróe invicto,  
nem permittais me julgue arrependida  
do meu sincero amor, que infeliz temo,  
que era a vossa piedade produzida  
de imodesta paixão de hum louco ex-  
tremo

*D. Fern.* Timido, duvidando da ventura  
expressei da minha alma os sentimentos,  
sem entender que as vossas grandes queixas

nuncasem o dezar de atrevimentos.

Nunca entendi que sendo tão benigna  
me desseis o pezar triste, e funesto  
de terdes meu amor por deshonesto,  
ou minha mão julgardes por indigna:

Pon-

Ponderai, que esta afflicta, a quem se preza de hoarado como eu sou, n'alma se imprime,

e que pouco não faz quem a reprixe.  
*Glaud.* Perdoai, perdoai minha rudeza; aggravar-vos não he minha ventade, meu coração sincero o certifica, he falta da geral civilidade, que em vossos Europeos se communica: Se fora, Senhor, livre o meu estado, teria por fortuna soberana, que quizesse hum Heróe, qual vos contemplo,

para Esposa a huma simples Indiana; e convindo meu Pai neste Hymeneo o teria por dadia o Ceo.  
 Mas vós não ignorais que despozada estou com Maratim de tenra idade por solemne promessa, e que não tenho Imperio já na minha liberdade; e me fallais de amor com louco extremo? E quereis que vos cuça socegada?

Que intento o vosso he? De o dizer tremo!

Senão o de fazer-me desgraçada?  
 Nasci em terra inculta, sim, seu tude, falta-me o esplendor que vos esmalta, porém graças ao Ceo que me não falta o bem de conhecer o que he virtude.

*D. Fern.* Fazer-vos desgraçada he meu intento?

Ah, *Glaudemira*, vede que essa injuria preciso faz o meu recentimento: amo as vossas virtudes, e ellas serão que em minha alma accendêrão o desejo de fazer minha sorte venturosa com as nupcias de tão benigna Esposa. Sei, *Glaudemira* amada, que para Maratim por lei Paterna, fostes de tenros annos destinada; mas se o excessivo amor que me governa, ao vosso coração por mim fallasse, pôde ser que de intento vos mudasse. Inda, Senhora, o lapso indissolvel vos não tem vinculado, inda estais livre, inda podeis piedosa fazer de hum infeliz afortunado.

*Glaud.* Ora dizei, nos vossos Europeos

onde he civil o trato, se costuma ás promessas saltar dos Hymeneos?

*D. Fern.* Muitas vezes se falta, porque o pede alguma razão forte.

*Glaud.* Pois eu nasci na India, e não na Europa

de quem Esposa seu, ferei consorte: quem apartar-me quer deste precioso costume que pratica a gente Indiana, ou se guardar não sabe, ou caviloso por servir seu amor, in proprio me engana.

*D. Fern.* Já he intoletavel seu orgulho! Vede que essa expressão seberba, e altiva mais irrita, que vence a quem dá Leis: Considerai que sois....

*Glaud.* Vossa cativa, assim o quiz a minha desventura, mas não me ha de obrigar a ser perjura.

*D. Fern.* Vede pois, que domino a vossa forte.

*Glaud.* Não o meu coração.

*D. Fern.* Tenho supremo poder de vencedor.

*Glaud.* Já vos não temo.

*D. Fern.* Quem vos pôde livrar!

*Glaud.* A minha morte.

*D. Fern.* (Isto he muito soffrer! Quem me differa

quando humilde, e amorosa me tratava, que trocada a veria em brava fera!)

Esposa de hum gentio vos não quero, assim se observe, assim o determino. Quem Consorte não quer terno, e benigno,

trema do vencedor impio, e severo.

*Glaud.* Poderia temer minha firmeza o combate amoroso da teinura como debil mulher, mas a asperza resistencia acha em mim de pedra dura para triunfar de vós qual terno amante a virtude envejei, temendo o damno para vos resistir como tyranno, armei o peito de anir o constante.

*D. Fern.* (Ah, que a tua constancia me envergonha!

De ira, e de amor me sinto combatido, e quando a hum triste affecto arder quero,

o outro me ambraga enfurecido.)  
**Glaud.** Que esperais, ah cruel, tirai-me a vida,  
 não vos faça te mor ser homicida  
 de huma misera escrava,  
 de huma escrava infeliz, que o seu am-  
 paro

só das vossas virtudes confiava;  
 mas o contrario vejo, ou meu destino  
 para ser mais cruel, em vosso peito  
 hum coração humano fez ferir,  
 ou para me illudir com doce trato  
 a vossa compaixão era fingida.

Vossa ternura foi conmigo ingrata,  
 de cavilosa fera habitadora  
 dos caudalosos rios Indianos,  
 que engana com o choro a quem devora.

**D. Fern.** (Muita a sua virtude resplandece  
 com as sombras das minhas paixões feras.  
 Oh desgraçado amor! Que mais esperas  
 ouvir de huma mulher que te invilece?  
 Não quero vella mais, seu Pai a leve;  
 seja illustre á minha alma este desvio,  
 não me escureça a gloria huma Indiana,  
 triunfe de amor vão o honrado brio.)

**Glaud.** Estes são os famosos Europeos,  
 que nos vem ensinar huma Lei Santa;  
 que elles mesmos quebrantão como  
 réos?

De ouvillos, e de vellos me confundo!

**D. Fern.** Se o que a Lei manda só, todos  
 fizessem,  
 habitações de Justos fora o mundo:  
 ás humanas paixões somos sujeitos,  
 esta que me domina he muy violenta;  
 mas não recaeis mais os seus effeitos.

Serenai, serenai vosso semblante  
 irado contra mim, soube vencer-me  
 vossa virtude, não deveis temer-me  
 já vencedor cruel, nem louco amante.

**Glaud.** Ah! Que dizeis, Senhor? Arre-  
 batada  
 me sinto de alegria!

**D. Fern.** Sim amada,  
 e fiel Glaucomira, ao vosso Esposo  
 vossa fé conservai, que della he digno  
 pois quer o Ceo fazello venturoso;  
 e se a vossa feliz benignidade  
 se sabe coadoer do meu destino,

esquecei-vos do agravo por piedade;  
 lembrada da primeira fingeleza,  
 occultai para o mundo esta fraqueza.

**Glaud.** Graças ao Ceo que a minha, e vossa  
 gloria

vencedoras estão, vós sois o justo,  
 que vencer-vos sabeis; esta victoria  
 mais a minha ambição estima, e preza,  
 que do mundo lograr toda a grandeza.  
 Agora sim que sois o meu querido,  
 e adorado Pai: já não desejo  
 apartar-me da vossa companhia;  
 torno a ser vossa filha, e a mão vos bejo.

**D. Fern.** (Dai-me, oh Ceo! A constancia  
 que preciso,  
 para triunfar de mim!)

**Glaud.** Numen sagrado!  
 Conservai-lhe o valor que lhe diviso,  
 pois da vossa piedade he inspirado.)

### S C E N A III.

**D. João.** com hum Indio, e os ditos.

**D. João.** **J**Á, Senhor, o Cacique Tras-  
 caleta

chega, e para vir á tua presença  
 perpétua paz jurar, pede licença.

**D. Fern.** Sim, dize-lhe que pode vir se-  
 guro

na palavra que dei. *O Indio faz cortesi-  
 zas, e vai pelo monte affima.*

**Glaud.** Oh fausto dia!

Venhi o meu caro Pai, suffer não posso  
 as lagrimas que nascem de alegria!

**D. Fern.** Com honras Militares recebido  
 seja o Real Cacique, todo o obsequio  
 por Pai de Glaucomira lhe he devido.

**Glaud.** Não por mim, mas por vós que sois  
 grandioso;

sua vshice obtenha hum grato abrigo,  
 pois de distinctas horas, e grandezas  
 se faz credor quem vos procura amigo.

**D. João.** Senhor, muito me alegro, de  
 que o vosso  
 constante amor se veja bem logrado. *á p:  
 a D. Fernando.*

**D. Fern.** Sim, amigo fiel, agora posso  
 chamar-me vencedor afortunado.

Espera! ao Cacique.

D. João. Já obedeco.

S C E N A IV.

D. João faz sinal aos Soldados que se formarão em alas, em quanto vem descendo do monte ao som de instrumentos os Soldados Indios, e alguns destes trarão dois Pulanquins nos quaes virão sentados o Cacique, e Maratim: apenas chegarem ao Theatro Gláudomira olha para D. Fernando, faz-lhe reverencia, e parte para o fim da Scena conde se ha de ver apaar nos braços a seu Pai, saudar ao Esposo, e depois virá com o Cacique pela mão até onde estiver D. Fernando que depois de estar pensativo diz.

D. Fern. **S**im, com seu Pai se ausente: Oh quem podera

riscar aquella ingrata da memoria; mas o nome de ingrata não merece quem soube campo abrir á minha gloria.

Oh lá! Chegai assentos. \* (Esinorce meu coração temendo a despedida, dessa gentil dulcissima homicida.

Que desacordo, que afflicção, e susto! querem envergonhar minha constancia como inimigos vós! Amor injusto não terás de vencer-me hoje a jaclancia, pois sobre o teu imperio poderoso ha de triunfar meu animo biolo.)

Cac. Aonde, filha, está teu Pai amavel, teu defensor? Levai-me já aos seus braços, nelles jurando sé incontrastavel, quero unir da amizade os termos laços.

D. Fern. Aqui me tens, Illustré Chicotenga, mais do que vencedor, amigo grato, a união renovando, que seberbo pertendeo desfatar teu filho ingrato. Ficão *fallando á parte.*

Gláud. Ah meu querido Esposo!

Mar. Idolo amado?

Gláud. Torno a ver-te, meu bem?

Mar. Estou contigo?

Gláud. O pranto me suffoca!

\* Os criados trarão da barraca quatro assentos para o principio da Scena.

Mar. Transportado me sinto de alegria!

Gláud. Mais não posso.

Mar. E o teu coração?

Gláud. Vive seguro, que teu he, e será.

Mar. Deos, amparaí me.

Gláud. Protegeí, justo Nume, amor tão puro.

Cac. Minha ausencia infeliz, triste lembrança!

Deo ao ingrato filho a authoridade

para desfaziar vossa vingança

os tratados quebrando da amizade.

Mas, ah Senhor, lembrai-vos como justo, e prudente, que eu não tive culpa no feu furor.

D. Fern. Bem sei: Sentai vos. *Sentão-se.*

Mar. Invicto General, com quem perdendo

a fortuna o costume de inconstante

teu respeitoso nome faz tremendo

a mesma inveja que téce triunfante,

e com teus grandes meritos unida

parece que a conquista do universo

prepara a tua fama esclarecida:

Grato aos incomparaveis beneficios,

que da tua grandeza generosa

tem recebido a minha amada Esposa,

e da tua sincera sé seguro

te bejo a mão benigna, e a paz te juro.

D. Fern. Sentai vos: Essa paz conveniente

a todos vos será, e se constantes

procurares fazella permanente

eu vos farei temidos, e triunfantes:

Esses Caciques que em continuas guerras

vos tem vexado, tremarão de ver-vos,

vencedores pizando as suas terras:

O mesmo poderoso Monteffuma,

que lastimosos damnos vos tem feito,

temendo-vos no Mexico inimigo,

eu virá voffo nome com respeito.

Mar. Muitas vezes por nós desbaratados

forão os cavilosos Mexicanos,

mas agora, Senhor, que auxiliados

de grandeza nos veiros tão suprema,

faremos que o feu Throno, ou caia, ou

trema.

Gláud. Ah meu querido Pai! Meu caro Es-

poso!

Com

Com Protector tão nobre, e glorioso  
 esposo, sim, que o nosso Reino seja  
 o que de Leis á falta, e á falta inveja:  
 Nelle vemos brilhar com igual fôrça  
 as sublimes virtudes da prudencia,  
 constancia, co'noixão, e honestidade;  
 Escrava a seu poder o meu destino  
 me trouxe em fôrça fero,  
 tomia nelle achar Senhor severo,  
 mas a piedade achei de hum Pai benigno;  
 de filha o doce nome sempre ouvia  
 proferir sua boca, e co'noixão  
 buscava ás minhas oras lenitivo  
 na saudade da vossa co'noixão.  
 En fim, crede-me, Pai, crede-me Es-  
 poso,  
 que não he coração mais generoso.

*Cac.* Que n'póde, D. Fernando, sem res-  
 peito

ouvir vossas accções? Que malizentes  
 no me vos negará de Heróe perfeito!

*D. Fern.* Que humano a tolos póde ter  
 contentes?

As opiniões dos homens são muy variadas,  
 a mesma accção que hums louváo por il-  
 lustre,

outros tem por indigna, ou temeraria:  
 a virtu te que em si he esclarecida,  
 quando a quier offuscar a impa inveja  
 logo tem prompto o nome de fingida;  
 vós me julgais do vosso aplauso digno,  
 e he n'cojuncto a vós ha quem me jul-  
 gue

nas minhas accções todas por indigno.

*Cac.* Que n'he esse mortaz? Que ro sabello  
 para como inimigo aborrecello.

*D. Fern.* A teu filho malevolo aborrece  
 como nosso inimigo.

*Cac.* Elle o merece

pela sua soberba enfurecida.

Deffe ingrato, Senhor, eu peço a vida,  
 pois devo á natureza esta piedade,  
 é qual perturbador da paz severa  
 viva longe da nossa sociedade.

Os meus filhos, Senhor, tendes pre-  
 sentes,

em Glau tomira, e Maratim, concorra  
 a fazellos felices, e contentes,  
 vossa benignidade, ao novo dia

as suas noúcias tenho destinado,  
 com a vossa presença mazerolá,  
 seu nome não será mais respeitado.

*D. Fern.* (Que combate improvisto te ame-  
 aça

miseró coração, mostra firmeza,  
 não queiras com o pejo da fraqueza  
 mais funesta fazer tua desgraça.  
 O talto he cruel, forte a violencia,  
 e teno que no meio do conflicto  
 deñais vergonhosa a resistencia.)

*Glau.* (Alisado ficou, triste, e confuso)  
 Esta te a nor o abraza o logo a vivo!  
 Triste de mim se Maratim percebe,  
 que á sua trizeza sou motivo.)

*Mar.* Esta que em mim não ha m'resi-  
 mento,

que te obrigue ao excesso de assisir nos,  
 permite este feliz contentamento  
 á bella Glau tomira descompenhe  
 tua assitencia nestas noúcias gratas  
 de Pai o doce nome, com que a trata,  
 que ella com teus precitos reverente  
 te será sempre filha obediente.

*Glau.* Não me negues, Senhor, o vosso  
 amparo

*Cac.* Da sua co'noixão assim o espero.

*Mar.* Vossa assistencia imploro.

*D. Fern.* (Oh rigor fero!) *Levanta-se  
 confuso, e erguem-se todos.*

Sim he ei, perdoad-me: os interesses  
 da gloria Militar me estão chamando  
 a diversas emprezas. (Ceos! Triunfando  
 vai de mim impio amor!) Em paz hide,  
 levai a Glau tomira (oh mortal ancia!)

*D. João?* *D. João?* *Chamando ao di-  
 to que sabe do fim da Scena.*

*D. João.* Que me ordenais?

*D. Fern.* Com a gente da vossa comandân-  
 cia

os hide acompanhar para a Cidade,  
 onde até á manhã me esperareis.

*Cac.* Senhor, tanta grandeza?

*Mar.* Tanto favor?

*Glau.* Tanta benignidade?

*D. João.* Farei quanto, Senhor, me deter-  
 mina

vossa Lei inviolavel (Com que gosto  
 hirei ver na Cidade a minha Alcinna.)

*D. Fern.*

*D. Fern.* ( Todos, Ceos, de prazer se arrebatarão!

Só eu, triste de mim! Pobre fraqueza!  
Devo fugir dos seus alegres olhos;  
porque dos meus não vejo a tristeza.)

*Cac.* Proteção-vos, Senhor, os justos Ceos.

*D. Fern.* Respirai todos paz.

*Mar.* Por vós a temos.

*Glaud.* A Deus meu Pai amado.

*D. Fern.* Filha, a Deos. *O Cacique, Glaudomira, Maratim entram nos parlanquins, acompanhados por D. João, e ao som de marcha sobem pelo monte acima.*

# ACTO TERCEIRO.

## SCENA PRIMEIRA.

*Alameda aprazível com o Templo do Sol no fundo, para o qual se sobirá por larga escadaria; terá em cima hum cancella, que feixa o dito Templo, que por ella se verá illuminado: Sabe Alcina vestida de vítima entre Soldaões, que a conduzem para o Sacrificio, e Chico enga que a precede.*

*Chic.* Já soberba mulher, chegaste ao extremo

de contar por instantes tua vida,  
senão satisfizeres com protestos  
a Deidade benéfica offendida

*Alc.* Que mais queres de mim, barbaro  
homem,

que de humano não tens mais que a fi-  
gura?

facia tua hydropica vingança  
com meu sangue, da debil textura  
se desfaz minha alma, e vá contente,  
se assim o permitir hum Deos que adoro  
gozar a melhor vida eternamente.

*Chic.* Pondera...

*Alc.* Se eu piedade não te imploro,  
deixa-me hir a morrer, eu te perdo-o  
o barbaro supplicio.

*Chic.* Porque te amo,  
ainda de ti perjura me condo-o.

Ainda apazar das minhas justas queixas  
me lastimo da tua iniquidade:

Tem compaixão de ti, que a vida deixas  
na florida extensão da tua idade.

*Alc.* Não te afflijas, cruel, da minha sorte;  
teme a tua cegueira como impia,

que inveja te fará a minha morte,  
se o Ceo te abrir os olhos algum dia.

*Chic.* Não receias, oh perfida, o castigo  
que te prepara a indignação dos Deoses?

*Alc.* Mais não profiras; cala-te inimigo:  
Que Deoses? São Deidades mentirozas,

são enganos, quiméras fabulosas,  
que nos fingio o cego gentilissimo.

Deos Eterno, he aquelle a quem adora  
o bemaventurado Christianismo.

*Chic.* Trazei já para o Templo essa trai-  
dora:

Não posso mais ouvir suas blasfemias,  
seu sangue apague já seu desatino.

*Alc.* Sim, vamos. Parte para o Templo.

*Abre-se o Templo, apparecem os Sacer-  
dotes Indios á porta do dito, Chicoten-  
ga volta para Alcina.*

*Chic.* Infel, repara, e treme.

*Alc.* De que devo tremer?

*Chic.* Do teu destino.

*Alc.* He mais feliz que entendes.

*Chic.* Vê já promptos  
a esperar-te os Ministros justiceiros:

ou idolatra, ou morre por perjura.

*Alc.* Aprestar quero os passos derradeiros,  
que

que me guião contente á sepultura.

*Chic.* Apressai a morrer essa tyranna,  
pois he indigna de piedade humana;  
venha agora livralla o seu Amante. *Vai*  
*para o Templo.*

*Alc.* Divino Ceo, chegou o ultimo instante.  
De vós espero só pio soccorro;  
animai o meu peito de constancia;  
pois minha vida he vossa, e por vós  
morro.

*Entrão no Templo, que logo que toda  
a comitiva se recolher se fecharão as  
cancellas.*

## S C E N A II.

*Sabe o Cacique, Gloudomira, e logo Mar-  
ratim, e D. João com Soldados.*

*Glaud.* **A** Pressai vos, que he certo o  
triste avizo,  
que nos derão de Alcina desgraçada.

*Cac.* Barbaro filho, já se faz preciso  
o teu castigo justo.

*Mar.* Oh Ceos! Fechada \*  
do Templo a porta está, e dentro d'elle  
entre as barbaras mãos dos Sacerdotes  
para ser victimada Alcina bella.

*D. João.* He certo o sacrificio: Já entrarão  
no Templo os deshuqanos,  
pois nelle morrerão como tyrannos.

*Mar.* Esperai, que se a porta nos fexarão,  
he porque teme o fero Chicotenga,  
que defendão a Alcina: gastão horas  
as ceremonias barbaras, primeiro  
que disparem o golpe derradeiro  
na victima infeliz: Se por violencia  
nos vê entrar, as portas arrombando,  
temerá o cruel arrezistencia,  
e inutil fazendo o beneficio,  
mandará apressar o sacrificio:  
Da outra parte do Templo acharemos  
facil entrada, repentinamente  
nos verá junto á Ara.

*D. João.* Sim, livreiros  
das impias mãos, a victima innocente.  
*Vão-se com Soldados.*

*Glaud.* Ah meu amado Pai, o Ceo benigno  
leve a tempo o soccorro.

*Cac.* Ah filho ingrato;  
o teu fuor será tua ruina.

*Glaud.* Tem coração de fera.

*Cac.* Dize: Alcina

segue a Lei dos Christãos?

*Glaud.* Sim, porque a segue  
a morrer a condemnão.

*Cac.* E tu filha,

tambem és já Christã! Falla a verdade.

*Glaud.* No coração o sou, e na vontade;

Christão promette ser o meu Esposo;

Falta-me o gosto só, meu Pai querido,  
de vos ver a tão Santa Lei unido.

*Cac.* No teu estado, filha, já me vejo;  
tenho observado o quanto a Lei he justa,  
e como tu Christão sou no desejo.

*Glaud.* Ah! vós me consolais: que gosto  
immediato

sinto em minha alma!

*Cac.* O Ceo nos alumia

*Glaud.* Livrai a nossa Alcina, oh Deos im-  
menso.

## S C E N A III.

*Abre-se a cancella do Templo, apparece Chi-  
cotenga fallando com o Sacerdote, e al-  
guns Indios.*

*Chic.* **V**eneravel Ministro, renitente  
essa perversa está pedindo a  
morte

nas Leis dos Europeos; em fim, não  
sente

das injurias, ludibrios, e desprezos,  
com que todos a tratão, a violencia,

antes com rosto alegre os vê, e os soffre,  
sem mostrar em seu animo impaciencia.

Mais não ha que esperar, hide, e ma-  
tai-a,

não posso ver-lhe a morte, oh triste im-  
pulso

de hum terno amor! Meu coração des-  
maia.

Esperai, esperai, buscai piedoso  
convencella outra vez; mas se orgulhosa

teimar no crime, ao Nume injurioso,  
morra como infiel a ingrata Esposa. *Vai-*

*se o Ministro.*

Deuses da minha Patria , que violencia  
o voffo defagravo hoje me cufsa !

Eu me privo do bem que mais adoro ,  
para fiel guardar voffo decoro. *Fica sus-  
penso, e todo o tempo desta fallta effará  
Glaudemira observando a Chicotenga  
fallando com o Pai.*

*Glaud.* Retireu-se o Ministro, e Chicotenga  
encostado ficou junto á cancella.

*Cac.* Inda o Templo sentimos fcegado.

*Glaud.* Inda nelle , Senhor , não tem en-  
trado  
os defensores da infeliz Alcina.

*Cac.* Guia-me , Glaudemira.

*Glaud.* Para onde ?

*Cac.* Para o Templo; intimida-me a demora  
do effrondo das armas , temo a ruina !  
Inda vés teu irmão ?

*Glaud.* Está fufpenfo.

*Cac.* Como Pai , ou Cacique Soberano  
verei fe o atemorizo , ou convenfo.

*Glaud.* Receio que outra vez como tyranno  
ao refpeito vos falte.

*Cac.* Vamos , filha.

*Chic.* Livrar da morte , a perfida defejo ,  
que hum poderoso amor . . . Mas Ceo !  
Que vejo !

Defendei estas portas , ninguem entre :  
Pai , onde vens ? *Descendo as escadas  
apressado.*

*Glaud.* Caro irmão ? . . .

*Chic.* Retira-te , importuna ,  
fugi das iras de hum defesperado.

*Cac.* Refpeitai-me , cruel , teu Pai fou inda ,  
fe filho quer-s fer , livra a innocente ,  
maldize effe rancor , detefta a furia ,  
e teu perdão implora reverente.

*Chic.* Não pertendo perdão , deixa-me , e  
vai-te.

*Glaud.* Ah pobre irmão , perdeste a luz do  
acordo ?

Em monffro te converte effa fereza ;  
estás defamparado das virtudes ;  
nem remorfos já tens da natureza.

*Chic.* Com os vís Europeos ambos unidos  
já estais conjurados em meu damno ;  
em ti não tenho hum Pai , tenho hum  
tyranno.

*Cac.* Se tu , impio , seguirez meu confe-

lho . . .

*Chic.* Passaria os meus annos fempre escravo  
como tu es , fem honra de Genitio!

*Cac.* Tu me insultas , traidor ? Ah ! Que  
effe agravo . . . *Buscandero.*

*Chic.* Aparta-te daqui , velho o fem brio. Em-  
purra-o , e cahe o Cacique no chão.

*Glaud.* Defgracada de mim !

*Cac.* Oh Ceos , vinganças !

*Glaud.* Cruel , de infernal furia arrebatado  
a quem te deo o fer por terra lanças ?  
Ah meu querido Pai !

*Cac.* Deixa-me , filha !  
vem matar-me , cruel.

*Glaud.* Vai-te , aleivofo.

*Chic.* O coração me pulfa furiofo :

Nada me move , nada me intimida ,  
mais que a morte daquella fementida.  
Se morreria já ? Oh lá , Indianos !

Cumpri as minhas ordens , não deixeis  
entrar dentro do Templo effes infanos.

*Entra para o Templo.*

*Glaud.* Dai-me , meu Pai , a mão.

*Cac.* Ah filha grata ,  
he grande o meu desgoffo.

*Glaud.* Levantai-vos.

Nos meus braços , Senhor , fazei firmeza !  
*Levantando-o.*

*Cac.* Oh bom Deos dos Catholicos , vin-  
gai-me

deffe aborto fatal da natureza ;  
elle mesmo verdugo feja infame  
que punindo furiofo o feu delicto ,  
vingue as queixas de hum triffe Pai af-  
flido.

Os facrilegos filhos delles tirem  
para as emendas pavoroso exemplo  
deffe mesmo cruel . . . *Efrondo de  
armas no Templo.*

*Glaud.* Meu Pai , já fe ouvem  
das armas o effrepito no Templo :  
meu irmão morrerá.

*Cac.* Ceos ! E em que effado !

Oh , permitti , Senhor , que lhe não caia  
o mal que vos pedio hum Pai irado ;  
abri-lhe antes os olhos , porque veja  
de feus crimes o horror , pois não he jufto ,  
porque elle he filho mão , que eu mão  
Pai feja.

*Glaucl.* Que fanello espectáculo devito!

*Olhando para dentro*

Vinde para esta parte Pai amado,  
que temo que sejais atropellado  
desse confuso sequito. *Leva o Pai para  
hum lado da Scena, sahem do Templo  
os Sacerdotes Indianos, e mais comitiva  
atropelados pelos Hespanhoes, tuda em  
confusão, e depois de recolhidos sahe  
Chicotenga com a espada na mão.*

*Chic.* Ah cobardes,  
fugis, e me deixais? Mas não he, muito  
que me desampareis, fracos humanos,  
se até comigo são os patrics Numes  
ingratos, e tyrannos!  
Para desaggravar vossos Altares,  
tudo tenho emprehendido  
sem tirar outro fructo, que os pezares  
de vos ter, Deoses barbaros, servido:  
Augmentem os Christãos vossas injurias,  
pois com minhas vinganças indignados  
as mesmas oblações despezais, como  
facilligas offertas de malvados.

#### SCENA IV.

*Sahem D. João do Templo com espada na  
mão, investe com Chicotenga.*

*D. João.* **C**Om teu vil sangue pagarás,  
soberbo,  
o susto que causaste á triste Alcina,  
*Chic.* Apresta com a tua a minha morte,  
seja, cruel, igual nossa ruina.

*D. João.* A vida perderás barbara féra. *Re-  
colhem-se.*

*Glaucl.* Senhor, não o mateis. *Correndo.*

*Cac.* Ah filha, espera.

*Glaucl.* Vou soccorrer o Irmão.

*Cac.* Tão terno affecto.

de teu bom coração he proprio, e digno;  
mas teu soccorro em vão he entre as  
armas:

Executem-se as leis do seu destino.

#### SCENA V.

*Sahe Maratim trazendo pela mão oa Alcina.*

*Mar.* **L**ivre estás já da barbara inle-  
mencia,

pois o Ceo defendeo tua innocencia.

*Alc.* Vede, vede infeliz Gentilidade,  
o immenso poder do Deos que adoro;  
vede em mim hum exemplo de piedade,  
com que a sua Divina providencia  
na maior afflicção livra a innocencia.  
segui a sua Lei, fereis ditosos.

*Glaucl.* Ah Alcina, teus braços amorosos  
te recebem.

*Alc.* Amada Glaudomira? *Abração-se,*  
*Cac.* Abraça-me tambem, qua de affustado,  
inda meu triste peito mal respira.

*Alc.* Oh como perverteo meu Soberano,  
a natureza a ordem, pro-luzin to  
de hum Pai piedoso, hum filho deshu-  
mano!

*Glaucl.* Amavel defensor, querido Esposo,  
que penas não causaste na demora  
a meu coração temido, e ansioso!

*Mar.* Dificultosa empreza foi, Senhora,  
o livrarmos a Alcina, mas vencemos,  
porque em nosso favor o Ceo tivemos.  
Ficourámos do Templo a occulta en-  
trada

por passo estreito, que entra na espe-  
lunca,

des Sacerdotes funebre morada;  
as portas que servião de embarço  
a seguir o caminho subterraneo,  
forão abertas á força do meu braço.

A confusão dos grandes alaridos,  
que fazião nas impias ceremonias,  
derão causa, a não fermos penitidos.

Por estreitos degrãos a hum, e hum  
entramos no interior do Altar escuro  
da disforme Deidade, que annuncia  
os infaustos successos do futuro.

Já pela parda luz communicada  
do Templo, divisamos os severos  
Sacerdotes em torno da innocente,  
ameaçando-a crueis com golpes feros.  
Investimos dalli com tal repente,  
que

que no factal repente em que aos vião,  
já com as mãos aos golpes acutião.

Teu filho grita então com furia brava  
Ministros, apressai o Sacrificio.

Hum delles o cutello levantava  
para exercer o seu orrido officio;  
mas antes que a mortal acção despeça,  
hum golpe lho disparo na cabeça,  
com tão forte violencia despedido,  
que cahio morto com o braço erguido.

D. João que proffegue na ruina  
feita nos inimigos, em altas vozes  
me diz, tu Maratim, defende a Alcina,  
que eu a quero vingar, e com ferozes  
iras, vai deslimido acutilhando  
aos que se expoem a defender o Templo:  
Os Soldados seguindo o seu exemplo  
com os ferros mortiferos trespassão  
aos Sacerdotes hums, outros sobre elles  
as Estatuas dos Numes despedação.

Do copioso sangue que corria  
dos Indios desgraçados  
se vião rubricadas as paredes,  
o chão cuberto, os Hespanhoes man-  
chados,

Só poderão livrar-se os que na fuga  
a esperança das vidas confiarão;  
castigo merecido dos rebeldes,  
que á devida obediencia vos faltá-ão;  
seguindo a vosso filho que tem sido  
da trille Patria destruidor tyranno,  
cruel com o Pai, com todos deshumano.

*Alc.* Tanto estrago, Senhor, por hums  
vida,  
que contente vos dava? Mas oh Santa,  
e infinita Clemencia!

Os olhos fecho, e adoro a Providencia.

SCENA VI.

*D. João, e os ditos.*

*D. João.* **M**inha Alcina adorada,  
severo vingador do vosso  
fulto

me tendes prompto a defender, a custo  
da minha vida, a vossa vida amada.

*Alc.* Aos vossos pés, meu defensor piedoso,  
me prosta a gratidão.

*D. João.* Não em meus braços  
mais dignos já dos vossos, vos recebo;  
desejando apertar os doces laços  
de amor, e hymenco.

*Gláud.* D. João, dizei-me  
se vive meu Imão?

*D. João.* Sim, na fugida  
a meu pezar, inda salvou a vida;  
mas o genio ferino  
o trará a pagar seu desatino.

*Cac.* Filho, filho traidor, muitos desgostos  
a hum triste Pai que offendes ainda cus-  
tas!

*D. João.* Não choreis pela perda de hum  
tyranno,  
que fazeis vossas lagrimas injustas.

*Gláud.* Para longe de nós o Ceo o guie,  
onde emendando com acções illustres  
o seu procedimento abominavel,  
a fortuna lhe seja favoravel.

*Mar.* Sim, minha amada Esposa; hum  
mão perturba  
de muitos bons applacida harmonia:  
Vá viver nas montanhas entre as séras,  
pois dellas aprendeo a tyrannia:  
sem o cruel vereis como levanta  
a cabeça cahida esta Cidade;  
gozaremos em bella sociedade  
humma vida feliz, humma paz santa.

*Gláud.* Assim o queira o Ceo, Esposo  
amado.

*D. João.* Oh quem da tua boca já ouvira Pa-  
aquelle doce nome suspirado! *(ra Alc.*  
Imita a virtuosa Gládomira,  
chama-me Esposo, cumpre-me a pro-  
messã

de deixares ao impio, se os costumes  
não perdesse de seia, e não deixasse  
a cega adoração dos falsos Numes.

*Alc.* Vós sois crédor de mais sublime Es-  
posã;

mas se esta vos he grata,  
não devo aos beneficios ser ingrata:  
Presente está, Senhor, o meu Soberano,  
elle domina a minha liberdade.

*Cac.* Sim, minha cara filha, hum deshu-  
mano  
não era de ti digno, a piedade  
do Ceo, felicitar quer tua sorte

dan-

dan-lo-te benemerito Conforte.  
*Alc.* Já me pôdes chamar a tua Esposa.  
*D. João.* Oh suave expressão!  
*Alc.* Sou venturosa!  
*Cac.* Juntos com Maratim, e Glaudomira,  
 vós fereis brevemente desposados,  
 mas primeiro ouvi: Filhos amados, *Para*  
*Maratim, e Glaudomira.*  
 em iminentes prodígios temos visto  
 que o providente Ceo  
 ampara o Chistianismo como seu:  
 Este conhecimento a todos claro  
 he Luz Divina, guemo-nos por ella,  
 que dignos nos fará do seu amparo.  
 Não seja mais o Sol resplandecente  
 adorado por nós; mas com fé pura  
 adoremos a hum Deos Omnipotente  
 de quem he todo o mundo creatura;

e na vista dos Povos obstinados,  
 sejam os fallôz Numes que idolatrão  
 pelas mãos dos Chollãoz despedaçad os  
*Glaud.* Ah! Que as vossas dulcissimas pa-  
 lavras  
 me ellevão a alma a tão sublimè gloria,  
 que me sinto suspenfã!  
*Mar.* O mesmo sinto.  
*D. João.* Isto he a mais esplendida victoria,  
 que nas terras Indianas procuramos.  
*Alc.* De todo extinto o paganifimo seja.  
*D. João.* Minha Esposa fiel, depressa vamos  
 os Ministros bulcar da Santa Igreja.  
*Cac.* Contentè já vos figo.  
*Alc.* Oh fausto dia!  
*Mar.* Apreffemos o bem.  
*Glaud.* O Ceo nos guia. *Vão-se.*

## ACTO QUARTO.

### SCENA PRIMEIRA.

*Jardim com Galaria do Palacio do Cacique no fundo, e porta do dito. Sabem Maratim, e Glaudomira.*

*Glaud.* **P**orque foges de mim? Porque  
 em meu rosto

humas vozes irados, outras ternos  
 empregas os teus olhos? Que disgoſto  
 te causei, Maratim?

*Mar.* Se eu, Glaudomira,  
 me não queixo de ti, não me impor-  
 tunes.

Por piedade me deixa, e te retira

*Glaud.* Mandas-me que te deixe? Oh Ceo  
 piedoso!

Que delicto he o meu! Já mais tão  
 seccas

palavras tenho ouvido ao meu Esposo!

*Mar.* (Se fingida me engana, se he ver-  
 dade

que a D. Fernando adora,  
 onde hirei procurar firme lealdade

depois de Glaudomira ser traidora?) *áp.*  
*Glaud.* Que funestas imagens? Que lem-  
 branças

te perturbão, meu bem, que fazer que-  
 rem

insauftas nossas doces esperanças?

Desterra do sentido essa tristeza,

vem ver o General que te procura?

Com grande fausto vem; pompa, e gran-  
 deza,

das nossas nupcias festejar o dia,

o seu amavel trato não merece,

que tu fujas da sua companhia;

A todos quantos vé por ti pergunta,

e meu Pai, por quem foi logo hospedado

a tua ausencia tem muito estranhado.

*Mar.* Fallaste-lhe tu já?

*Glaud.* Sim, que deslufre

do meu dever feria, se faltasse  
a hospede tão grato, como illustre.

*Mar.* Tyranna, se pertendes agradallo  
torna para elle, falsa-lhe amorola:  
pois a tua presença he aos seus olhos  
tão agradável quanto á minha odiosa.

*Glaud.* He possivel, ingrato, que me trates  
com tanta sem razão?

*Mar.* Teus fingimentos  
mais não me hão de enganar.

*Glaud.* Oh! Não me mantes,  
dividendo do meu amor constante,  
que o teu descreditas: O desejo  
que tenho de apertar o laço anante  
do suave Hymeneo; não te a legura  
meu coacção fiel? Minha fé pura?

*Mar.* Esse desejo tenho por engano,  
por mentiroza a fé, o amor fingido,  
só creio indubitavel o meu damno.  
Vai para o General, faze-o contente  
com a tua adoravel companhia,  
não o deixes penar de ti ausente.

*Glaud.* (Oh misera de mim! Quem lhe  
diria  
de D. Fernando a pertença?)

*Mar.* (Suspensa  
a tyranna ficou? Ah aleivofia!  
verificada está a minha offensa.)

*Glaud.* (Oh doces expressões de amante  
Esposa,  
que amor ensina com suave estilo,  
ajudai-me, ajudai-me apersuadillo.)  
Meu Esposo, e Senhor, que dura lança,  
he esta com que feres a meu peito,  
julgando-me capaz de vil mudança?  
Quantas provas já tenho a teu respeito  
dado da minha fé? O meu decóro  
com dúvidas offendas, sendo causa  
das innocentes lagrimas que choro,  
juro ao Ceo que já mais....

*Mar.* Calla-te, ingrata,  
não offendas ao Ceo com juramentos,  
que elle bem claro vê teus fingimentos:  
A verdade me falla, dize embora,  
que para melhorares tua sorte  
pequena culpa he ser-me traidora:  
Dize embora, que a tua formosura  
no peito illustre dafse Horóe famoso,  
trocou de Pai amavel a ternura

em ardente paixão de amante Esposo:  
Dize que eu sou hum Indio desgraçado,  
elle o Conquistador de hum novo muni-  
do,

que as grandezas que esperas te repugna  
cortar comigo as azas da fortuna:  
Dize....

*Glaud.* Falla de injurias: que inimigo  
intendendo fazer me desgraçada  
alcançava maior credito contigo,  
que a minha fé com lagrimas jurada!  
Declara-me o traidor, teme a lembrança  
deste agravo, pondera-me impaciente,  
vê que crime imputado no innocente  
desafia o desejo da vingança:  
Não te demores mais, que será tarde  
teu atrependimento:  
Considera quem sou, e que esta pena,  
em desagravo ao Regio nascimento,  
a sentir meus desprezos te condemna:  
Não te fies, ingrato na brandura  
de meu genio amoroso,  
pondera, sim, que a semrazão do ag-  
gravo  
tambem faz o prudente furioso.

*Mar.* Admirado me tens! És engenhoza,  
não podias achar melhor pretexto  
para salvar a culpa de aleivofia!  
Podes dizer ao mundo que se illude  
com razões apparentes, que a mudança  
não foi em ti delicto, sim virtude,  
pois quizeste com animo benigno  
premiar o credor, punir o indigno.

*Glaud.* Ingrato, dos meus olhos te retira,  
ou declara o traidor.

*Mar.* Guardo segredo.

*Glaud.* Não tornarás a ver a *Glaudomira*.

*Mar.* Nem tu a *Maratim*.

*Glaud.* Vai-te, e não tornes  
mais á minha presença, seimentido.

*Mar.* Sim tyranna, prejura, que enver-  
gonha  
ao offensor a vista do offendido.

*Glaud.* De ti me vingarei.

*Mar.* Já estás vingada.

*Glaud.* Maior vingança quero de hum in-  
fano.

*Mar.* Não pôde havella.

*Glaud.* Pôdo.

*Mar.*

*Mar.* Que mais queres?

*Glaud.* Verdadeiro fazer o teu engano.

*Mar.* Que intentas? Dar a mão a hum inimigo.

*Glaud.* Desaggravar meu credito brioso.

*Mar.* Tieme ingrata.

*Glaud.* De que? De teu castigo!

*Mar.* Das violentas vinganças de hum zeloso.

S C E N A II.

*D. Fernando que inda ouve os ultimos versos, e os ditos.*

*D. Fern.* **M** Aratim, Glaudomira, quando venho

obsequioso buscai-vos na Cidade por dar satisfação ao vosso empenho, então fugis de mim! Que novidade em vossos corações a furia agita, que protestais vinganças hum ao outro em o tempo feliz da vossa dita?

*Glaud.* Desculpai-me, Senhor, porque faltar-vos

ao respeito de Pai qual vos venero fora culpa esfranhavel! Agradar-vos he todo o meu desejo, pois inda em vós o meu defensor vejo.

*Mar.* (Que expressões! Que nova arte de vingança

he esta em que me vejo, e pressepito! Quer a vil de meus olhos na presença fazer ostentação do seu delicto, para augmentar a dôr da minha offensa.) *á parte.*

*Glaud.* (Abraze-se o tyranno de zeloso.)

*Mar.* Já te vingaste, coração de séra.

*á parte a Glaudomira.*

*Glaud.* Não, que inda existe o agravo injurioso.

*Mar.* Morrer me sinto! *Partindo com impaciencia.*

*D. Fern.* Maratim, espera.

*Mar.* Grande Conquistador dos Indianos, que mais queres? Que eu veja esta alheivosa

a quem contaminarão teus enganos, dar-te com meu ludibrio a mão de Espofo?

Queres vanglorioso de finezas fazer da minha paciencia exame?

Sabe que as tuas belicas proezas me fazem infeliz; mas não infame: Não te farta a ambição tantas victorias quanto mostrão Cidades arruinadas?

Queres tambem unir as tuas glorias á conquista de Indianas desposadas?

Aquelle coração que me roubaste será o vingador da minha injúria, pois tu mesmo a ser perdido a ensinaste.

*D. Fern.* Dize, infeliz, que furia te moveo

para desafiar minha vingança?

*Glaud.* Desculpai-o, Senhor, que enlouqueceo.

Ingrato, deixa a vil desconfiança, *A Maratim.*

que sem causa os sentidos te allucina, não queiras augmentar nesta ruina.

*Mar.* Deixa-me, fallia: D. Fernando, vejo quanto as tuas façambas, memoravel te tem feito, e com tudo não invejo o teu grande valor, fua a fortuna que as tuas acções rege favoravel.

*D. Fern.* Oh lá guardas?

*Glaud.* Ah! Cala-te, imprudente. *A Maratim.*

*Mar.* Deixa-o cortar com minha vida o laço, que nos prendia, ficarás contente.

*Sahem os Soldados.*

*D. Fern.* Prendei a Maratim.

*Mar.* Primeiro . . .

*Glaud.* Espera:

Piedade, Senhor. *Com ternura.*

*D. Fern.* Tu, Glaudomira, sabes a semrazão com que me trata hum soberbo orgulhoso.

*Glaud.* Ah, Senhor, ponderai que he meu Espofo.

*D. Fern.* Não he digno de ti.

*Glaud.* Melhor o julga; meu infausito destino o faz comigo ingrato, e não indigno.

*D. Fern.* E devo eu tolerar vossos convites para desafenções? Dizei, tyrannos!

Quan-

Quando posso esperar livre de incídias amizade sincera entre Indianos?

Acaio escogitais novas fitadas para me accommetter? Teimei, soberbos

os funestos exemplos das passadas.

*Mar.* Não intenta traições, quem nota a culpa

ao offensor tyranno frente a frente:

O traidor não avisa com a queixa, seu cuidado he vingar occultamente.

Queixo-me mesmo a ti, que he tão honrado

o meu procedimento, que assim obra vendo a tua grandeza, e o pobre estado da minha insaulta sorte. Eu te injurio, porque crendo-te Heróe, huma acção fazes

alheo do mais barbaro Gentio.

Não receio a vingança enfiurecida, junta mais á tua fama a acção famosa de me matares, que o tirar-me a vida he menos damno, que o roubar-me a Esposa.

*D. Fern.* Bem dizes que está louco; e como louco

lhe devo disfarçar tantas injúrias. *Para Glaudemira,*

Ao teu juizo torna, que tu mesmo estranharás teus erros, e tuas furias:

Que acções desordenadas em mim viste per onde infiras, que roubar-te quero a destinada Esposa! Mais sincero me cre do que tu es, pois delinquente me fazes de hum delicto de que sou atê por pensamentos innocente.

Em meu poder a tive; ella confesse qual de seu trato foi a honestidade; não te quero negar, que os seus amaveis costumes, sua candida innocencia, me lembrarão fazella minha Esposa, mas sem a seja culpa da violencia.

*Mar.* Vossas razões se fazem ponderaveis; mas hum funesto avito

a decisão me deixa duvidosa, o meu grande temor se faz preciso.

*Glaud.* Vê meu bem, que te engana o fe mentido, que de infiel me acusa.

*D. Fern.* Declara-me quem he esse atrevido,

que o credito te insulta em Glaudemira, que quero desmentillo; e castigallo.

*Mar.* Para vos dar razão da minha queixa não quero mais instantes occultalo.

Conheces esta letra? *Tira huma carta, e a mostra a Glaudemira.*

*Glaud.* Não a ignoro,

he de meu impio Inimão. Ah deshumano!

*Mar.* Ora ouve como trata o teu decoro.

*Lendo.* » Desperta, Maratim, desse letargo,

» que bebeste adocado com bisonja

» sem conheceres do veneno e amargo:

» Abre os olhos, e vê tua deshonra

» patente aos Europeos, que com aspe-

» do de ludibrio te mostrão huns aos outros

» como de riso vergonhoso objecto:

» Abre os olhos, e vê que já movendo

» vem para ti os vagarosos passos

» a léra cavilosa, que te afaga

» para roubar-te a Esposa de entre os

» braços.

» Vê como com a esquerda mão forceja

» a apartar-te de si essa traidora,

» a direita, contenté offerecendo

» ao falso roubador a quem adora.

» Os mesmos que com ella prizonieiros

» ficarão no combate, e lhe assistirão,

» acusão a traição, pois muicas vezes

» em amorosas praticas o virão.

» Se inda sentes estímulos de honrado,

» acode vingativo ao teu respeito;

» a mão que havias dar á falsa Esposa

» empunhe a setta que lhe pede o peito,

» da nossa affronta vingador severo.

*Glaud.* Que deshumano Inimão! Senhor,

achaste

hum coração tão barbaro, e perverso,

por essa longa terra que giraste?

*D. Fern.* Nem julgo possa havello no Uni-

verso;

e tu credito dás á astuciosa

maxima de hum malévolo que intenta

humecida fazer-te de huma Esposa-

ornada de virtudes? Que imprudencia!

Não se lhe dá o barbaro fingido  
que a innocente Imã derrame o sangue,  
só porque vás seguir o seu partido.  
Desta credulidade me condo-o.

*Mar.* Tu, Senhor, me confundes: Glau-  
domira  
os meus zelos perdôa.

*Glau.* Sim perdo-o:

Dá-me esse vil escrito. *Tira-lho.*

*Mar.* Que pertendes?

*Glau.* Hir mostrallo a meu Pai, porque  
não chore

mais a perda de hum filho monstro o-  
dioso;

e para que reprehenda, em ti ingrato,  
as tyrannas loucuras de hum zeloso.

*Vai-se.*

*Mar.* Espera, não o affijas: D. Fernando,  
por compaixão te apressa, o teu conselho  
lhe modere as angustias, que he crueldade  
abreviar a vida a hum triste velho. *Vai-se.*

*D. Fern.* Cega paixão de amor, quantas  
desordens  
por ti o mundo sente!

### S C E N A III.

*D. João, e os ditos.*

*D. João.* **D**Om Fernando?

*D. Fern.* Que queres, D. João?

*D. João.* Hum pouco afflicto  
vos venho procurar, para evitarmos  
o mais enorme, e perfido delicto,  
que esperar podia-mos. Cercados  
estamos de traidores.

*D. Fern.* Que succede?

*D. João.* Depois de aquartelar os meus Sol-  
dados,

neste bosque visinho passeava;

vi que hum Indio de trage, e aspecto  
nobre

os passos para mim encaminhava;

mas de repente pára, e disfarçando,

se encaminha a outra parte, e logo volta

cheio de confusão: eu que observando

lhe estava os movimentos, lhe pergunto,

se fallar-me pertende, então se chega  
a mim, e suffocada a voz de medo,

este panno me entrega, e me profere  
estas palavras. *Europeo, segredo:*

*Corre, corre com toda a brevidade,*

*mostra ao teu General esta pintura,*

*e agradece ao Céo minha piedade:*

Abro o panno, elle foge-me apressado,

chamo-o em vão, pois não torna, e fi-  
co aborrido.

Agora examinaí.

*D. Fern.* Aqui pintado

hum banquete se vé entre Indianos,  
e Hespanhoes; mas banquete bem fu-  
nello!

*D. João.* Reparai, vede os vossos Castes-  
lhanos

em posturas diversas, como aborridos  
para as taças que tem nas mãos olhando,  
agonizando hums, outros já mortos.

*D. Fern.* Que mysterioso avião! Retratados  
alli estão o Cacique, a filha, e o genro.

*D. João.* E desta parte vemos copiados

os nossos Capitães, esta figura

que está com o meio corpo sobre a meza

cahido, que sois vós mostra a pintura:

observai como este Indio retirado

nos mostra com hum dedo a meza,

e o outro

aponta hum esquadrão que sahe armado

daquella parte, vede que são Indios,  
que accunnetter-nos vem com fero en-  
gano.

*D. Fern.* Tudo tenho observado, esconder  
quero

dos Indios, e dos nossos, este panno

que o segredo convém.

*D. João.* Ter mais piedade

com estes infieis juizo escusado,

pois não sabem guardar fidelidade.

*D. Fern.* E com tudo, inda não me detet-  
mino

a acreditar o mesmo que examino

nessa meza funella figurado.

Prudente adverti quanto do vivo

differre muitas vezes o pintado.

Quem sabe, se por ver-me vingativo

ao Cacique estinguir com sua gente

fingio esta traição barbaramente

o author da pintura, ou quem a deo!

E se he certa, não são todos traidores.

por

por toda a parte cria bons o Ceo.  
Vede, como entre tantos inimigos  
nos dá para a cautela; affás precisa  
hum amigo fiel que nos avisa!

Vamos: Já consultei na minha idéa  
o modo de evitarmos nossos damnos;  
mas severdade for a tração fea,  
treião do meu furor estes Indianos.

## ACTO QUINTO.

### SCENA PRIMEIRA.

*Salla pequena. Sabe Chicotenga com hum Indio.*

**Chic.** Já da nossa vingança o fausto  
instante

se vai aporinquando; oh quem  
já vicia

o General tyranno vassilante

agonizando entre a dor, e a ira!  
veja aos seus Capitães da melina forte  
sem valer-lhe poderem, e mais horrivel  
faça o lance fatal da sua morte:

Propicia a noite foi, pois disfarçado  
em domestico servo, qual tu és,  
meu designio deixei executado;

nos licores que julgão laborosos  
beberão o mortifero venho;  
os feros Europeos facinorosos;  
elles nos tem roubado, hora com guer-  
ras,

ora com falsos titulos de amigos,  
fazendas, vidas, creditos, e terras,  
e devemos nutrir os inimigos

dentro de nossas casas; mais aggras  
cada dia soffrendo, e mais desprezos  
que aos máos Senhores soffrem os es-  
cravos?

Acabem os cruéis insultadores

e percão com as vidas as vanglorias,  
que a fortuna lhes dá de vencedores.

Vai, dize á minha gente que postada  
está entre as montanhas esperando  
o signal que lhe dei, que esteja prompta,

*Vai-se o Indio.*

Para avançar a extinção D Fernando  
com os seus Capitães, poucos instantes

durará o confusão, que os Soldados  
em desordem se põe sem Commandan-  
tes.

Se Maratim seguisse o meu partido,  
como já o avisei, inda mais facil  
a empreza me seria, que he temido  
dos Christãos, e dos Indios estimado;  
mas já que se esqueceo de ser honrado;  
morta com os cruéis, o Pai, a Irmaã  
que seguem suas Leis sem ter respeito  
á grandeza Real; tambem pereção,  
e fique eu de vinganças fatiseito;  
porém já a casa sinto alvoroçada!

Valor, meu coração, já me parece  
que he effeito da meza envenenada.  
Daquelle quarto escuro observar quero  
os vários movimentos com que espirão,  
que outra gloria do mundo não espero.

*Vai-se.*

### SCENA II.

*Glaudemira, e Maratim assustados.*

**Mar.** S egue-me Glaudemira.

**Glaud.** Para onde?

**Mar.** Fugamos do rigor que nos condemna  
a morrer sem delicto.

**Glaud.** Oh dura pena!

**Mar.** Vem, Esposa infeliz!

**Glaud.** Não, não me atrevo  
a fugir sem meu Pai: quero a seu lado  
o ser desempenhando que lhe devo,  
morrer. Ah! Foge tu, Esposo amado;

a tua vida salva, o Ceo te guie  
para onde, meu bem, respirar possas;  
ar mais sereno, que o da triste Patria.  
Não te demores, vai-te.

*Mar.* Pelas nossas  
ternas finezas te supplico, amada,  
que me queiras seguir.

*Glaud.* Oh desgraçada!

Queres que desampare o triste velho  
na maior afflicção? ... Apressa os passos  
para longe de mim, e por clemencia  
deixa-me hir espirar entre seus braços.

*Mar.* Ah! Espera, detem-te, Glaudomira,  
tambem quero seguir o teu destino;  
porém do General a furia, e a ira,  
que por olhos, e boca está lançando,  
e a todos por traidores insultando,  
para o meu coração he dor tão forte,  
que me faz mais horror, que a propria  
morte.

*Glaud.* O mesmo sinto, perco a luz dos  
olhos.

na presença do seu furioso aspecto,  
toda convulsa fico: he grande o susto;  
porém ainda he maior de filha o affecto.  
Quaes serão os maleficos traidores,  
que em tão misero estado nos puzerão  
envenenando todos os licores?

*Mar.* Os Hespanhoes mostrarão, que sci-  
entes

da traição vinhão; e logo que chegárão,  
fizerão experiencia do veneno  
no domestico bruto que matárão  
dando-lhe a beber d'elle.

*Glaud.* Mas se occultos

lhe não são os authores da perfidia,  
porque razão nos diz tantos insultos  
o General irado? Eu desfaleço!  
Ah Esposo infeliz! De grande estrago  
he meu amado coração pressago.

*Mar.* Tudo sonho parece quanto observe!  
Eu não sei de traições, os Ceos cle-  
mentes

nos defendão da pena injuriosa,  
pois conhecem os Réos, e os innocentes.

*D. João, Soldados Hespanhoes, e os ditos.*

*D. João.* **A** Leivosos, em vão buscais na  
fuga

livrar-vos do castigo de homicidas.

Dai-vos já á prizão.

*Glaud.* Ceos, amparai-nos!

*D. João.* Perdereis como perfidos, as vidas  
que tirar-nos quizestes,  
pois de piedade indignos vos fizestes.  
Trazei estes traidores á presença  
do nosso General.

*Mar.* Oh Ceos, que offensa!

*D. João, D. João* se sentimentos  
de humano tens, minora-me a desgraça  
empunha a tua espada vencedora,  
e com ella a meu peito já traspassa;  
não me chames traidor, que he maior  
pena

que o supplicio, a que a forte me  
condemna.

*D. João.* Ah fementido, chamas-te inno-  
cente,

sendo clara a traição! Trazei, Soldados,  
os Réos indignos, oição na presença  
de D. Fernando, qual Juiz fevero,  
de suas justas mortes a sentença. *Vai-se*

*Glaud.* Caro Esposo, fortuna rigorosa!  
Eu me sinto espirar!

*Mar.* Vamos, Esposa,  
vamos pois a morrer.

*Glaud.* Que triste dia!

*Mar.* Que pena!

*Glaud.* Que afflicção!

*Mar.* Que tyrannia!

*Glaud.* Num Eterno, que vedes de minha  
alma

os ardentes desejos, dilatai-me  
esta vida caduca, até que possa  
fazer-vos della offerta na Lei vossa. *Vai-se  
com Soldados.*

*Mar.* Grande Deos dos Christãos, Deos  
infinito,

aplaçai o rigor dos vencedores;  
não permittais que morrão por traidores;  
os que estão innocentes do delicto. *Vai-se  
com Soldados.*

## S C E N A IV.

*Descobre-se a Mesa com todos os preparos próprios de hum banquete: estará a Scenea cercada de Hespanhoes, os Indios no meio como prazos, o Casique em pé encostado á Mesa, e D. Fernando no meio da Scenea acompanhado dos Capitães Hespanhoes.*

**D. Fern.** **V**ede, vede tyrannos Trafalhetas, como frustrou o Ceo a tyrannia de vossos corações: Não ponderaveis que descoberta a vil aleivofia ferião vossas penas memoriais, para exemplo dos mais: Eu me conftranjo

a mandar-vos punir, vendo, malvados, que a vossa traição pede o serdes todos por justiceiras mãos despedaçados.

**Cac.** Despedaça, cruel, destrõe, e queima, satisfaze o teu genio de vinganças; mas teme aquelle braço Omnipotente, que pune o Réo, premea o innocente: Nelle só fundo as minhas esperanças, pois n'ella se lhe esconde; e não em vós, que mais cegos que eu sou, de lamma apparencia,

que os sentidos illude preocupados não destingues a culpa da innocencia. Em fim, grande Juiz, somos culpados, só porque o parecemos? Justos Ceos! Confundi a justiça deste ingrato, aos seus olhos mostrando os impios Réos.

**D. Fern.** Eu ainda te não julgo delinquente.

Mas, Maratim . . .

**Cac.** Que dizes, D. Fernando?

Maratim não he Réo, he innocente; não he capaz seu animo brioso de viz aleivofias; da sua fama o credito zeloso se emprega em açções nobres, eu te affirmo

que entre os teus Europeos civilizados, emulos podem ser da sua gloria, os que se prezão mais de ser honrados.

**D. Fern.** Tu o defendes, e eu tenho circumstancia para o julgar author da aleivofia.

## S C E N A V.

**D. João, Maratim, e Glaudomira entre Soldados, e os ditos.**

**Glaud.** **Q**ue horroroso semblante!  
Vendo a D. Fernando.

**Mar.** Ceos, constancia!

**D. João.** Aqui tendas, Senhor, os dois culpados, que em vão fugir querião, pois já tenho ellas fallas cercadas de Soldados.

**Glaud.** Ah meu Pai!

**Cac.** Minha filha!

**Glaud.** Estamos prazos!

**Cac.** Esperando da morte a hora funesta.

**Glaud.** Que aleivofia, que traição foi essa?

**Mar.** Oh misero de mim! Sem ser culpado me sinto em confusão, afflicto, e bucco, o rosto frio, o sangue congelado, tremulo o corpo, a voz balbuciente, em mim acha o Juiz fevero, todos os insaufitos signais de hum delinquente. Oh candida innocencia! Oh preciosas virtudes de lealdade, e fingeza, inspira-me valor para a defeza.

**D. Fern.** Vem desgraçado Réo, homem ingrato.

que abuzando da fé que me juraste, a ti mesmo, infiel te condemnaste:

Dize, dize traidor, assim compensas a minha compaixão! Dize, que offensas te fiz? De que sou Réo no teu conceito?

**Mar.** Oh não me despedaces mais no peito o coração afflicto,

eu innocente sou, essas injurias

dize aos que authores serão do delicto.

**D. Fern.** Pois logo de quem foi a crueldade?

**Mar.** Não sei, Senhor.

**D. Fern.** Em fim, essas paredes encerrão os traidores.

**Cac.** Que impiedade!

Entre a minha familia não contemplo qual possa ser o Réo, pois todos seguem

na honra de leaes o meu exemplo.

*Glaud.* Senhor, pois sois benigno, não deixeis

preoccupar-vos da paixão tyranna', dai tempo a conhecerem-se os crueis, e rigido os puni. He muito impropria da vossa compaixão esta violencia, vós vedes o delicto, e não os Réos, e onde a prova falta obre a prudencia.

*D. Fern.* Permittão, *Glaudomira*, os justos Ceos,

que não sejas tambem do crime odioso culpada por conselho de hum zeloso.

*Glaud.* E julgas-nos culpados?

*D. Fern.* Não me fio na Indiana lealdade, he duvidosa a sua fé, de todos desconfio.

*Mar.* Pois julgas que só entre os Europeos se sabe guardar fé? He todo o mundo morada de innocentes, e de Réos.

*D. Fern.* Ao número dos Réos mais innocentes.

te quizeste ajustar traidor.

*Mar.* Não mais

com esse nome horrendo me impacientes

*Cac.* Noutra parte, cruel, busca os traidores.

*D. Fern.* Quem de fóra sem teu consentimento

nos veio invenenar esses licores?

A todos vos foi publico o violento

effeito do veneno. Buscai modos

de declarar-me os Réos, ou morrei todos.

*Mar.* Declara-os tu, pois a traição soubeste primeiro do que nós, que assim que entraste

a experiencia fizeste

no innocente animal que envenenaste.

*D. Fern.* O perilo em ti vejo, *Glaudomira*, e seu Pai, só induzidos da tua infame maxima podião convic em teus projectos atrevisos.

Em fim, tu foste o chefe da perfidia por dar satisfação aos teus ciúmes.

*Mar.* Muito me excitas; deixa-me, não queiras

que diga o que presumo.

*D. Fern.* Que presumes?

*Mar.* A fallar não me obrigues.

*D. Fern.* Falla, indigno.

*Cac.* Ah! Maratim.

*Glaud.* Ah! Esposo.

*D. João.* Que falsidade!!

Senhor, está provada a aleivosa.

*D. Fern.* Que tens vil, que dizer?

*Mar.* Que és hum tyranno:

que o veneno era teu, que te valesse deste perfido engano

para fingires junta a minha morte,

e fazer mais feliz a tua sorte.

Que te abrazas de zelos, que és hum fallô,

que verdadeiro foi aquelle escripto,

porém menos na parte em que fazia

a minha Esposa Ré do teu delicto:

'Tu lhe deste, cruel, a liberdade

com virtude fingida,

para que usaslo depois desta maldade

tirar ao innocente Esposo a vida;

e cortas lo do nosso amor os laços,

gozares sem rival seus teinos braços.

*D. Fern.* Tirai da minha viãta este malvado,

e seja antes de morto atormentado,

para que os outros sócios nos confesse.

*Mar.* Querida Esposa, a Deos, te te mereço

meu estado infeliz, minha firmeza,

hum reconhecimento de amor grato

seja a minha alma a ultima fineza

desprezares severa a este ingrato.

Com constancia invenfivel o aborrece,

vê que as suas ternuras são enganos,

fallô o seu coração, e reconhece

nelle o maior tyranno dos tyrannos.

*D. João.* Que atrevida constancia! Que afloiteza!

Será Maratim Réo? Ah! Que hum traidor

não falla com tão rigida inteireza. *á parte a D. Fernãdo.*

*D. Fern.* A sua intrepidez me tem confuso.

*Cac.* E vivo me quereis, piedo'os Ceos!

para juntas sentir tão duras mortes?

*Mar.* Meu Soberano, e Pai, a Deos, a Deos:

Fulmine da vingança o ardente raio

só em mim o cruel.

*D. Fern.* Guardas, levaio.

*Glaud.* Rompa-se deshumanano já o segredo, não

não padeça o innocente , e livre o Réo.  
**D. Fern.** Sabes do traidor ?  
**Glaud.** Sei.  
**D. Fern.** Quem he ?  
**Glaud.** Sou eu.  
**D. Fern.** Tu , Glaudemira !  
**Glaud.** Sim , eu , inimigo ,  
 que a Patria , o Esposo , o Pai , e seus  
 Vañallos ,  
 quiz vingar com justissimo castigo  
 das vossas mortes vis conquistades ;  
 não busquês , deshumano , mais traidores.  
 Eu fui que ambicioso desta gloria  
 sem passar o segredo de meu peito  
 fô com o exemplo teu , huma victoria  
 quiz ganhar mais fanelta , e memoravel ,  
 que quantas , ha tyranno , te tem feito  
 nas nossas tristes Indias formidavel.  
**Cac.** Que dizes minha filha ? Enlouque-  
 ceste ?  
**Glaud.** Não , adorado Pai , em meu acordo  
 com todos fallo.  
**Cac.** Ingrata , que fizeste ?  
**Glaud.** Procurei destes monstros a ruina ,  
 se bem lograda a minha idéa fora  
 a aclamação me dera de Heroína ,  
 da nossa triste Patria defensora.  
**Cac.** Cossa-te , impia , teu Pai , mais me não  
 chames ,  
 de minha filha o nome não merece  
 quem quiz vingar-se com acções infame-  
 mes.  
**Glaud.** Em fim , se errei , a culpa he só  
 minha ,  
 e seja tambem meu só o castigo :  
 Que mais esperas barbaro inimigo ?  
 Manda-me já matar.  
**Mar.** Ah D Fernando ,  
 não a crêas , feu peito he innocente ,  
 finge-se authora do delicto odioso ,  
 para livrar ao Pai , e ao triste Esposo.  
**Glaud.** Que mal conheces , Maratim , té  
 onde  
 de hum peito femeníl o rigor chega !  
 Nenhuma ira á sua corresponde :  
 Huma mulher altiva , e furiosa  
 para empregar o raio da vingança ,  
 não encontra huma acção difficultosa.  
**D. Fern.** Ah falsa ! E he verdade que prejuza

quebrantaste os tratados da alliança ?  
**Glaud.** Procurei melhorar minha ventura.  
**D. Fern.** Que estímulos tiveste ?  
**Glaud.** Os da vingança.  
**D. Fern.** Não temeste hum castigo rigoroso ?  
**Glaud.** Só me lembrou , cruel , com minha  
 morte  
 os ciumes vingar do meu Esposo.  
**D. Fern.** Ah , barbara , infiel ! . . . .  
**Glaud.** Mais não me arguas.  
**D. Fern.** Estas são as virtudes que em ti  
 amava ?  
**Glaud.** Crê que forão fingidas como as tuas.  
**D. Fern.** Enlouqueço ! D. João , quem nos  
 diria  
 que daquella humildade , e fingeleza  
 tão infame traição relultaria ?  
**D. João.** E com tudo inda não me deter-  
 mino  
 a acreditar o mesmo que examino :  
 tu assim me ensinaste , e eu te seguro  
 que he para mim pretexto quanto ob-  
 servo !  
 vejo o crime patente ,  
 mas não conheço o Réo , nem o inno-  
 cente.  
**D. Fern.** Com mais tristes , e feras ameaças  
 intimidallos quero. Oh lá , Soldados !  
 levai já todos tres , e a mais familia ,  
 sejam como mandei despedaçados.  
**Glaud.** Não de motrer , oh barbaro , sem  
 crime  
 meu Pai , e Maratim , sendo eu culpada !  
**D. Fern.** Todos traidores sois.  
**Glaud.** Nada aproveita.  
 Nada a vingança de hum soberbo hu-  
 milho !  
 Triste Pai ! Pobre Esposo ! Infeliz filha !  
**D. Fern.** Levai-os.  
**Cac.** Que rigor !  
**Partindo**  
**Glaud.** Que crueldade !  
**Mar.** Cumprio-se a tua vil iniquidade ;  
 executaste , falso , os teus furores ;  
 porém temo , que o Ceo em ti empregue  
 os raios da innocencia vingadores.

## SCENA VI.

*Alcina, e os ditos.*

*Alc.* **R** Espirai , respirai , que já patente temos o vil author da tyrannia.

*D. Fern.* Quem he ?

*Alc.* He Chicotenga.

*Cac.* Eu ? Oh Geos !

Contra mim outra infame aleivofia !

*Alc.* Tu não , meu Soberano , he teu filho , que até indigno he de ter teu nome.

*D. Fern.* Do que dizes , oh Geos , me maravilho !

*D. João.* Como sabes , Espoza , essa verdade ?

*Alc.* O mesmo que vos deo huma pintura me veio descobrir a fallidade.

Receando esta Scena delabrija , que eu fugia de ver enternecida.

*D. Fern.* E onde está o impio , dize aonde o podemos achar para o castigo ?

*Alc.* Neste Palacio o pérfido se esconde , assim o si- vera o mesmo Indiano.

*D. Fern.* Procurai com cuidado esse inimigo :

Tudo se busca já.

## SCENA ULTIMA.

*Chicotenga do interior da Salla , e os ditos.*

*Chic.* **B** Asta , tyranno ,

aqui estou , eu te escuso a deligencia :

Socagai , socagai Heróes valentes ;

tudo daquella casa tenho ouvido ,

despedaçando com raivosos dentes

este braço comigo sou traidor ,

este braço cobarde que não póde

das vossas mortes ser executor :

Quem vos disse cruéis Conquistadores ,

que estão envenenados os licores ?

Estes licores que podião a sede

da hydropica vingança faciar-me ,

aqui está huma taça , vede , vede. *Pega*

*em huma das taças que estará na me-*

*za , e bebe.*

*D. Fern.* Que intrepido furor !

*Mar.* Que fero peito !

*Glaud.* O veneno beben *Para o Pai.*  
lem da morte temer o duro effeito.

*Cac.* A vós me humilho , oh Deos Omnipotente !

cahio-lhe a maldição ; incautamente vos pedi , Senhor , quáo injuriado das suas mãos sacriegas me vi sem respeito de Pai , no chão prostrado.

*Chic.* Soberbos , descançai , morto gossoso por saber escolher huma homecida

mais illustre que vós , e mais brioso.

Contentes respirai ; falta huma vida

que se os Numes lhe fossem favoraveis ,

funestar poderia em poucas horas

os trofeos que me fazem memoraveis :

Este veneno vil ; que preparado

eu tinha para vós , castigue o erro

de me fiar do pérfido malvado ,

que a pintura vos deo ; e a ti Alcina ,

que perjura me foste , o rigoroso

fado permita , que inda como indigna

te venha a desprezar o mesmo Espoza.

Descançai .... sim ... traidores .... mas os

Deoses , *Balbusiente.*

qual Deoses ? São cruéis .... sim .... são

tyrannos ....

pois me não vingão destes deshumanos.

Pai .... Irmãã .... Maratim ... pois não le-

guistes

minha vingança ardente ,

ficai escravos vís dessa vil gente :

Já estás descançado ;

sem vingar-me já morto , impios , mal-

vados ,

por vós espero vingador eterno

nas negras portas do confuso Averno.

*Cabe para dentro.*

*D. Fern.* Lemitou o impio a sua infausa

forte ,

a mesma audaz soberba , que na vida

regeo suas acções , lhe deo a morte

como perversa , e barbara humecida.

Vós to los perdoai , que huma illusão

vos figuraste Réos na minha idéa ,

que vos prometto ser de hoje em diante

mais prudente em julgar a culpa alhea ;

e tu filha , e Espoza a mais amavel ,

que o mundo vio , perdoe-me a fereza .

e goza de huma paz inalteravel.

Ilustre Maratim, pessue os mimos da honesta, e sabia Esposa que te adora, sem que a minha presenca aos vossos olhos

possa ser mais da paz perturbadora.

De vós me aparto já, vivei contentes, que a conquista do Mexico nos chama para augmentar trofeos á nossa fama.

D. João, fica tu em companhia destes nobres Pagãos, que abraçar querem a nossa fé com animo constante, até que os vejas pelas mãos Sagradas, dignos filhos da Igreja Militante.

A todos, filhos meus, os Justos Ceos vos deem mui santa paz: Cacique a Deos.

*Vai-se.*

*Mar.* Ah minha Esposa, já respiro alegre.

*Cac.* Apressai-nos, D. João, a fausta hora de lavar-nos o cego paganismo nas Sagradas correntes do Baptismo.

*D. João.* Muito me consolais, caros amigos.

*Alc.* Já os Sacros Ministros á Cidade chegarão

*Glaudemira.* Maratim, Pai, corramos a buscallos; tudo he do Immenso Deos summa bondade,

seu poder infinito

nossa innocencia fez resplandecente,

do Réo punindo o barbaro delicto.

Adoro a providencia reverente,

em a sua Lei Santa que procuro

só pertendo do mundo o bem precioso,

de respeitar o Pai, amar o Esposo.

F I M.

*Alexandre José Victor de Costa e Silva*

